



Eugénio Lisboa

O essencial sobre
JOSÉ RÉGIO

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

*Talent alone cannot make a writer.
There must be a man behind the book.*

EMERSON

Nascido em Vila do Conde, em 17 de Setembro de 1901 (e não de 1899, como indica a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*), José Régio cresceu, fez-se homem e iniciou a aventura cultural que foi a publicação da revista *presença*, num período que conheceu muita agitação política e assistiu a duas mudanças de regime: em 1910, com a proclamação da república, a monarquia viu chegar o seu fim, e em 1926, com a revolta militar do 28 de Maio, a quase incipiente república volatilizava-se, sem glória e, provavelmente, para alívio de um não pequeno número de portugueses.

O ano do nascimento de José Régio foi, assaz simbolicamente, o ano em que Afonso Costa apresentou, na Câmara dos Deputados, uma moção no sentido de substituir

as instituições políticas vigentes por outras de «feição republicana». Régio começou muito cedo a perfilhar ideias republicanas, no seio de uma família de monárquicos (incluindo o pai). De resto, o seu percurso político será sempre muito claro, muito firme e não raro pejado de riscos, ao contrário do que foi supondo ou analfabetamente julgando ou maquiavelicamente preferindo acreditar uma certa crítica que sobretudo detestava a independência dos que, em Portugal, faziam arte e literatura, alheios a «mandatos».

Vila do Conde, com o mar e a praia, ficará, para sempre, a origem, a referência fundamental, o «aconchego». Numa carta dali escrita, em 1928, a Carlos Queirós, Régio dirá: «Sim, Você tem razão: eu, aqui, tenho o mar! Nas manhãs de sol procuro os sítios desertos da praia. E rolo-me, entre as ondas e a areia — como um objecto que o mar desse à costa... Volto ao mar à tarde, e leio até escurecer. [...] O mar, os livros, e eu — não tenho outra companhia.»¹ E, com data de cinco dias antes, numa carta a um amigo, registada no seu diário, indicava, com incontida exaltação, a sua profunda empatia com o mar: «Cá vivo na intimidade do Mar e de alguns livros queridos. Mas o Mar, o teu 'Sumo Poeta', é o mais querido e o mais relido dos meus livros. O Mar é um livro onde toda a gente pode ler tudo: É um livro onde todos podem ler o que há de mais recôndito em sua própria Alma. O Mar é um resumo da

¹ *Correspondência*, Lisboa, 1994, pp. 24-25.

Natureza. É uma síntese da Criação. É um Espelho de Deus...»²

José Maria dos Reis Pereira (de seu verdadeiro nome) era filho de José Maria Sobrinho (1876-1957) e de Maria da Conceição Reis Pereira (1876-1946). O pai, ourives, foi amigo de António Granjo e, embora de instrução formal limitada, mostrou sempre gosto pela leitura e, sobretudo, pelo teatro, ensaiando «sucessivos grupos de amadores vilacondenses»³ e «chegara a querer seguir a carreira do palco»⁴. Dele viria José Régio a herdar um gosto profundo por esse mesmo teatro, que o levará, mais tarde, a considerar o seu próprio como «a parte mais original e densa da minha obra», acrescentando: «sem dúvida é mais difícil de entender do que as sátiras de *A Chaga*»⁵.

Da mãe, fina, sensível, embora de educação rudimentar, viria Régio a herdar o seu pendor artístico. Dela dará, no 4.º volume do seu romance cíclico, *A Velha Casa*, um retrato fiel, na figura de Maria Teresa, mãe do protagonista: «Decerto, não excediam as suas [de Maria Teresa] habilitações literárias qualquer primária cultura das senhoras azurarenses. Grandemente as superava, todavia, na esquisitice da sensibilidade e na força duma personalidade nunca inteiramente recalçada.»⁶

² *Páginas do Diário Íntimo*, Lisboa, 2000, p. 39.

³ *Confissão Dum Homem Religioso*, Porto, 1971, p. 26.

⁴ *Idem*.

⁵ *Páginas do Diário Íntimo*, p. 272.

⁶ *A Velha Casa, IV — As Monstruosidades Vulgares*, Lisboa, 1960, p. 38.

Nos antepassados de José Régio havia, pelo lado paterno, mestres de pescaria, carpinteiros, alquiladores e logistas; pelo lado materno, pescadores e capitães de navio de longo curso⁷. Monteiro dos Santos põe a hipótese, ainda não verificada, de o piloto do século XVI, Pedro Enes Mandinga se encontrar entre os antepassados de Régio, pelo lado da mãe⁸.

O casal teve, além de José Maria (o mais velho) e de duas filhas, que faleceram muito cedo, mais quatro filhos: Júlio (n. 1-1-1902; m. 17-1-1983), que se notabilizaria como poeta e artista plástico; Antonino Maria (n. 25-1-1905; m. 5-10-1965), que emigrou para o Brasil, ali tendo falecido; Apolinário José (n. 9-2-1917; m. 18-3-2000), oficial do exército, no ramo da administração militar, e também artista plástico; e, finalmente, João Maria (n. 17-12-1922), poeta e prosador, de perfil voluntariamente discreto.

A infância de José Maria, sobretudo na companhia de Júlio, foi feliz e vigiada de perto pela mãe, sempre ansiosa: brincadeiras de rua, teatro («mantínhamos uma companhia de amadores, eu, o Júlio, o Antonino e uma nossa prima da mesma idade — estrela única da Companhia»⁹), leituras

⁷ «Ascendentes de José Régio», de Monteiro dos Santos, in *Vila do Conde*, Boletim Cultural da Câmara de Vila do Conde, Nova Série, n.º 6, Dezembro de 1990, p. 61.

⁸ *Idem*.

⁹ *Confissão Dum Homem Religioso*, p. 27.

entusiásticas de romances de cordel («*O Rocambole e Os Dois Garotos* [...] foram dos meus primeiros grandes entusiasmos romanescos»¹⁰), de alguma poesia. Dos 12 para os 13 anos, escreve «o primeiro caderno de versos», do qual observará mais tarde: «Como eram de amor e melancolia, os versinhos chamavam-se... *Violetas*.»¹¹ Com cerca de 15 anos, devora o *Só*, de António Nobre, que o impressiona «extraordinariamente»¹². Mas o seu mundo — que ficará, para sempre, com o mar de Vila do Conde, o seu domínio, a sua referência, o seu *aconchego* — era o da velha casa onde nasceu, situada na Avenida que hoje se chama Avenida José Régio. No romance *As Raízes do Futuro*, segundo tomo da soma romanesca significativamente intitulada *A Velha Casa*, dedica algumas páginas ao velho domínio, símbolo, a um tempo, da sua infância cheia, de uma forma de felicidade para sempre fixada na memória e, também, de uma «eternidade» possível: «Assim, mais do que nunca, se lhe tornara aquela casa um mundo: o seu verdadeiro mundo. Como quem vai, a certa hora, sentar-se num certo banco de certo jardim público, ia, pelo entardecer, sentar-se com um livro na sala de jantar, a uma das janelas quase rentes ao quintal. Às vezes, madrinha Libânia estava no canapé. Mas a sua presença contemplativa a que se habituara [Lelito] durante a doença, não

¹⁰ *Idem*, pp. 34-35.

¹¹ *Poemas de Deus e do Diabo*, 7.^a ed., Lisboa, 1969, p. 113.

¹² *Confissão Dum Homem Religioso*, p. 52.

lhe era senão um aconchego mais.»¹³ E, adiante, acrescentava: «Porque não bastava que viesse sentar-se à janela da sala de jantar, como quem vai sentar-se num banco predilecto dum jardim público; não bastava que entre certos escaninhos da casa, que buscava nas horas de particular devaneio, e as partes mais agitadas pela lida quotidiana, visse a mesma diferença que há entre certos recantos duma cidade e os seus centros mais movimentados; não bastava que passasse nos corredores, entrasse nos quartos, subisse ou descesse as escadas trocando umas palavras com quem topasse, como quem sai a divagar pelos cafés e ruas, dando uns dedos de palestra aos amigos; não bastava que hesitasse, às vezes, entre o instalar-se numa ou noutra parte (por exemplo: na sala de jantar ou a uma das janelinhas do sótão; no seu quarto ou varanda da buganvília; na saleta contígua ao quarto de madrinha Libânia ou na sua pedra por trás das canas-da-Índia), como quem hesita entre os sítios mais afastados, convidativos todos mas por atractivos diversos; não bastava, em suma, que fosse a casa para ele uma cidade inteira... mais que uma cidade, um mundo! Era preciso que a sua imaginação a tivesse identificado com um ser vivo. Pois não lhe sentia ele bater o coração? Não aprendera a penetrar nas encantadoras delicadezas do seu espírito? Se ninguém mais o sabia — sabia ele que a sua casa tinha alma e nervos. Reconhecia-lhe os dias de melancolia, as horas de festa,

¹³ *As Raízes do Futuro*, 4.ª ed., Lisboa, 1994, p. 122.

os vaivéns do humor... Destas coisas, porém, não podia falar senão consigo próprio: ou, às vezes, nos seus papéis, — o que vinha a dar no mesmo. Eram coisas que faziam parte do seu segredo.»¹⁴ A casa tinha, portanto, um valor duplo: era um mundo — com o equivalente a ruas, cafés, encontros, mudanças de humor — e *constituía um segredo*: só ele, Lelito/Régio, lhe conhecia os *valores*. Por isso acrescentava, um pouco adiante, nesta mesma passagem do romance: «O que lhe mostrava a experiência é que ninguém, senão ele, sabia na casa como ela tinha personalidade própria; como dessa personalidade compartilhavam todos os aposentos, tendo, embora, cada um o seu aspecto funcional; e como não só a personalidade da casa era insubmissa às coisas e pessoas que a povoavam, mas antes acabava por pesar sobre os seus gestos, palavras, atitudes, sentimentos...»¹⁵

Não será, pois, de estranhar que esta casa mítica, este microcosmo abrangente e abrigo de todos os afectos, felicidades e também conflitos, encontros e desencontros, se venha a tornar o deus tutelar e o quase principal protagonista da obra a que Régio viria a consagrar quase quarenta anos da sua vida activa de escritor. E, também, o sítio (o lugar onde) da sua escrita, onde melhor e mais *protegido* se virá a sentir, como testemunha, por exemplo esta passagem de uma carta dirigida ao seu grande amigo,

¹⁴ *Idem*, pp. 123-124.

¹⁵ *Idem*, p. 125.

Alberto de Serpa, em 8 de Abril de 1948: «São os dois melhores momentos do meu dia: aquele em que trabalho n' *A Velha Casa*, esquecido até do tempo, e aquele em que trato do meu pequeno jardim, instalado em vasos num pequeno terraço ao pé da cozinha.» ¹⁶ E, nove anos mais tarde (15 de Outubro de 1957), numa carta dirigida ao autor deste livrinho, Régio reiterava esta espécie de felicidade (relativa mas genuína e intensa) que encontrava no retorno à velha casa, por via da escrita: «Apesar da doença, (ou talvez até ela, nisso, me tenha ajudado um pouco) voltei a *A Velha Casa* com certo ardor. [...] Por agora, são *As Monstruosidades Comuns* (ou vulgares) ¹⁷ que me tomam todo o tempo disponível. E o tempo mais feliz que passo é o que passo lá dentro.» ¹⁸ Na *Velha Casa* — o referente e aquela que a obra nos entregará romanceada e mitificada — Régio investirá o melhor do seu capital emotivo, intelectual e estético, conforme indicará numa carta que, em 13 de Agosto de 1967, já próximo do fim da sua vida, escreverá ao seu amigo e dramaturgo, Prista Monteiro. Comparando esta soma romanesca com o *Jogo da Cabra Cega*, de 1934, que tem por um «livro de abandono e excesso», produto de um autor «ainda muito adolescente», observa: «Mas *A Velha Casa* — à parte o que em mim há

¹⁶ *Correspondência*, p. 207.

¹⁷ *As Monstruosidades Vulgares*, 4.º vol. da série *A Velha Casa*, Lisboa, 1960.

¹⁸ Carta a E. Lisboa, in *José Régio — A Obra e o Homem*, Lisboa, 1976, p. 102.

de perpétua adolescência — é já obra dum homem maduro: depurada, concentrada, reprimida, quase *banalizada* — isto por uma espécie de dandismo absurdo. Mas, que diabo! A minha obra capital! A obra da minha vida, que só mais tarde será lida a preceito. [...] O *Jogo* é barroco e romântico. A *Velha Casa* tende para um ideal clássico.»¹⁹

Com a idade de 11 anos, começa a frequentar o curso dos liceus no Instituto de Vila do Conde. A atmosfera e o comportamento dos habitantes da Velha Casa estavam impregnados de uma fé religiosa até certo ponto contagiante mas que, para José Maria, se foi tornando gradativamente questionável, pelo menos ao nível do intelecto: «Na realidade», dirá mais tarde na *Confissão Dum Homem Religioso*, «nem sei se rigorosamente se poderá chamar fé a uma aceitação de doutrinas, fábulas, mitos maravilhosos ainda não consciencializados, não examinados, não postos em causa. O que sei é que, tendo morrido meu avô, declarei a meus pais que não voltaria a comungar nem a confessar-me; e só iria à Igreja se me apetecesse, quando me apetecesse.»²⁰ A religião era, para Régio, um dos seus apreciados «aconchegos», um sentir-se bem, ao nível das emoções, sem necessária equivalência no plano do intelecto. Observava H. L. Mencken que «a fé se pode definir de modo breve como uma crença ilógica na ocorrência do improvável». Na compacta frieza do seu cinismo, Mencken propõe um

¹⁹ *Correspondência*, pp. 346-347.

²⁰ *Confissão Dum Homem Religioso*, p. 61.

emblema adequado ao conflito que permeia toda a obra de Régio: *gostar* de crer, mas não conseguir crer com *tudo* o seu ser. Em vários pontos da sua obra vasta, Régio tenta equacionar de modo claro a sua perplexidade e a tensão motriz que aí se origina. No seu *Diário*, com data de 26 de Janeiro de 1951, anota o seguinte: «Muitas vezes cito o nome de Deus, mas não sei de que Deus falo. A verdade é que nem sei, hoje, se creio na existência de um Deus-Pessoa. Desde que me ponha a pensar, tenho por impossível, ou não credível, essa existência. (Que maravilha, haver um Deus pessoal em quem se pudesse confiar, para quem se pudesse apelar como recurso primeiro e supremo, e a quem, depois da morte do corpo, se unisse o nosso espírito!) Tudo que em mim pensa — recusa essa maravilhosa hipótese. Mas o que em mim é instintivo, profundo, obscuro (ou, porventura, simplesmente primitivo ou atávico) persiste em crer no que as minhas ideias repelem. Não posso deixar de me lembrar de Deus. Ele acompanha-me até nos longos prazos em que vivo esquecido de Ele. Não posso deixar de falar de Ele desde que me refira ao que, no passado ou no futuro, sinto muito ligado ao meu destino.»²¹ Por outro lado, se a sua relação com uma fé religiosa não particularmente denominada já se apresenta ambígua e frágil, no que se refere à Igreja Católica, como instituição (e em Portugal), o seu desencanto será praticamente total. Numa carta escrita a seu irmão João, de Portalegre, datada

²¹ *Páginas do Diário Íntimo*, p. 179.

de 4 de Novembro de 1949, Régio desabafa, sem ambiguidade: «A respeito da política..., felizmente que o andar agora bastante encafuado na literatura me desvia as atenções da política! Da política e da religião, — que parecem afundar-se de braço dado na hipocrisia e no comodismo [...]. Aquela do Cardeal apadrinhar o Franco [no doutoramento *honoris causa* concedido pela Universidade de Coimbra ao ditador espanhol, por ocasião da visita deste a Portugal] acabou com as minhas últimas ilusões a respeito da autoridade suprema da Igreja.»²²

No entanto, Régio não resolveria nunca a contradição íntima, profunda, entre uma sincera e até fervorosa *necessidade de crer* e a incapacidade intelectual de aceitar os mitos religiosos. Reveladora desta irresolvida contradição é, por exemplo, uma entrada do *Diário Íntimo*, datada de 12 de Fevereiro de 1950: «Parece que o João Maria está livre de perigo. Louvado seja Deus! Um dia destes, voltando-me para o Cristo que inspirou o poema 'Fraternidade' (*Mas Deus É Grande*) rezei um padre-nosso por sua intenção. Estava um dia sombrio. Enquanto eu rezava, um raio de sol passou por entre as nuvens; e clareou a sala interior onde tenho o Cristo, e que só recebe luz das janelas dos quartos contínuos. Tive isso por bom sinal! Acabei o meu padre-nosso com redobrado fervor. Também, durante a doença de minha Mãe, tive destes acessos de fé, — que se volveram em secura depois da

²² *Correspondência*, p. 230.

sua morte.»²³ Perplexo, ele próprio, pergunta-se logo a seguir a ter registado o acesso de fervor: «Como conciliar estes impulsos, estas atitudes vindas das profundezas obscuras, com as minhas actuais *ideias* sobre religião? Não sei se chegarei a deslindá-lo na *Confissão Dum Homem Religioso*.»²⁴

Não será esta a única contradição que este escritor complexo e fascinante irá abrigar dentro de si. Muito novo, outras lutas o dilaceravam já. No *Diário*, numa entrada datada de 14 de Outubro de 1939, Régio observa, com terrível lucidez, uma característica profunda da sua natureza: «A minha natureza humana é ora bestial ora perversa. Mas nasci com um profundo instinto de todas as modalidades da Beleza.»²⁵

Em 1917, o adolescente José Maria vai, com seu irmão Júlio, para o Porto, ali fazendo o sexto e sétimo anos do liceu, o que lhe permitirá, em 1919, partir para Coimbra, onde frequentará a Universidade (curso de Filologia Românica). No Porto, ficará semi-interno num colégio, frequentando diariamente as aulas num velho liceu, na Rua de S. Bento da Vitória. Serão tempos penosos, sobretudo os momentos vividos no colégio, que o futuro autor de *A Velha Casa* transfigurará, de maneira poderosa, no romance *Uma Gota de Sangue*. No período que decorre entre o sétimo ano e os primeiros tempos de Coimbra,

²³ *Páginas do Diário Íntimo*, p. 159.

²⁴ *Idem*, p. 160.

²⁵ *Idem*, pp. 74-75.

Régio atravessa uma «crise grave»: «Julgo», nota ele na *Confissão Dum Homem Religioso*, «[julgo] haver-se tratado de uma doença nervosa, que sempre supus originada no constrangimento, na tristeza, na tortura, posso dizê-lo, em que vivera os meus dois anos de Colégio.»²⁶

Recuperado, não hesitava entre ir para Coimbra e ficar no Porto: «Sonhava com a minha Coimbra de António Nobre, com a boémia de Coimbra, com o romantismo e todos os mitos mais ou menos poéticos de Coimbra..., não podia, não podia deixar de ir para Coimbra! Até este nome cantava — e ainda hoje canta — aos meus ouvidos.»²⁷

Na cidade do Mondego, Régio passará anos felizes e frutuoso, de aprendizagem e criação: «Uma coisa [...] sei de certeza: Que nunca me arrependi de ter ido para Coimbra. Lá ganhei novos amigos. De lá saiu a *presença*. Lá passei pelo menos alguns dos anos mais felizes da minha vida. E creio que a minha criação literário lucrou com a minha ida para Coimbra, pois lá achei elementos para um fecundo ambiente literário que não acharia no Porto.»²⁸

Em Coimbra, no convívio com colegas — alguns viam a tornar-se *nomes* na literatura portuguesa do século XX —, Régio, pela sua inteligência articulada e profundamente inquisitiva, rapidamente se impõe como figura central e vigorosamente influente: «O quarto do Reis

²⁶ *Confissão Dum Homem Religioso*, p. 69.

²⁷ *Idem*, p. 67.

²⁸ *Idem*, p. 69.

Pereira», dirá mais tarde o seu colega e amigo Martins de Carvalho, «passou a ser um dos locais de reunião do nosso pequeno grupo e aí, diante da paisagem florentina que assomava à janela, perante os desenhos e pinturas que colara nas paredes, se iam criando as cenas do jogo da ‘cabra-cega’ que todos os jovens fatalmente executam.» E acrescenta: «A sua figura de rapaz que ainda não acabou de crescer começou a ser solicitada por todos quantos tinham intenções literárias ou simplesmente culturais. Não se negava nunca a colaborar e se um filtro havia nas suas relações não provinha de qualquer torre, cortina ou aristocratismo. Possuía uma capacidade invulgar de aceitação e de compreensão: tinha amigos que liam Proust e a *Contemporânea*, amigos que o eram porque eram condiscípulos, confidentes íntimos porque eram lá de cima ou do tempo do liceu.»²⁹

Neste período de intensa convivência, o psicólogo que havia em Régio perscrutava já, com lucidez, ironia e não pouca angústia, os escolhos que se punham à fluência desse convívio. Os jogos da cabra cega iam-lhe patenteando os perversos labirintos em que, tanto os ingênuos como os mais «sabidos» acabavam por se ver enredados. Régio emergirá de tudo isto de algum modo fatigado e «vacinado» (tanto quanto isso é humanamente possível) contra os encontros e mal-entendidos que o «jogo» costuma segregar.

²⁹ A. Martins de Carvalho, «O Meu Amigo Reis Pereira», in *In Memoriam de José Régio*, Porto, 1971, pp. 31-32.

Numa reveladora carta que, em 1936, escreverá ao jovem e malogrado Miguel de Sá e Melo, cujo livro *O Aceno de Deus na Poesia de José Régio* se arriscava a fazer ler, na poesia do autor de *Poemas de Deus e do Diabo*, em termos de fé religiosa, mais do que *lá estava*, Régio tenta escrupulosamente prevenir futuros mal-entendidos: «Ouça, meu amigo: Eu não queria que Você, nem ninguém, fundasse nessas esperanças (que podem muito bem nunca ser realizadas — eu sou tanta cousa ao mesmo tempo!) a sua amizade por mim. Compreende de onde me vem este medo, não é verdade? Você leu, a valer, a *Cabra Cega*. Sabe, pois, como em mim doem as feridas das amizades perdidas, dos encontros frustrados, dos entendimentos resolvidos em mal-entendidos... Eu não queria sujeitar-me eu próprio a novas decepções, nem provocar decepções nos outros; além de que quero ter para convosco a máxima lealdade...: consigo e com os seus amigos.»³⁰

A sua natural inclinação para a auto-análise, agudizada, em extremo, no período de convalescença que antecedeu a ida para Coimbra, cedo lhe deu também uma das suas convicções mais fortes: a de que o melhor modo de conhecermos bem os outros passa por nos sondarmos a nós próprios sem complacência. Era neste sentido que Philip Guedala observava que «a autobiografia é um veículo quase sem rival para dizermos a verdade acerca dos outros.» Sobre Régio e o seu alegado «narcisismo» ou

³⁰ *Correspondência*, p. 79.

exasperado «subjectivismo» escrever-se-ão rios de texto, mais desatentos (e ineptos) uns do que os outros, em face de toda uma literatura venerável que tem, ao longo dos séculos, louvado o conhecimento — e aprofundamento — do próprio *eu*, como via privilegiada de acesso ao *outro*.

Na *Confissão*, Régio alude à vivência «superficial» do problema religioso, durante os anos passados na cidade dos estudantes: «Creio ter sido durante esses anos de Coimbra que a minha religiosidade se manifestou mais superficialmente. Ou, até, me deixei influenciar (sempre à superfície) pelo aplauso ou incentivo dos que se regozijavam com o meu ‘ateísmo’ ou hereticismo; ou fui vivendo numa aparente indiferença pela vida religiosa, ou numa revolta, que afinal ainda manifestava interesses religiosos, perante as *verdades* tradicionais em que fora educado.»³¹ Poder-se-ia notar, talvez com mais do que alguma pertinência, que esta *indiferença* coincide, curiosamente, com um período de profunda criatividade (felicidade criativa), que irá desembocar, em princípio de 1926, nos *Poemas de Deus e do Diabo*. A criação é sempre um território em que as feridas do espírito se deixam anestesiar pela alegria de *fazer*: «A poesia», notara Novalis, «cura as feridas infligidas pela razão.» E cura também outras, embora, no plano religioso, as feridas de Régio lhe fossem realmente infligidas por uma razão rebelde aos mitos e confortos que, noutro plano, lhe apeteciam.

³¹ *Confissão Dum Homem Religioso*, pp. 74-75.

Outra convicção profunda se lhe vai enraizando, à medida do desgosto que lhe causam tantos livros por detrás dos quais se não encontra o miolo de um caso humano: a literatura puramente livresca (psitacista...) que, na *presença*, irá fustigar, causa-lhe repulsa. No *Diário*, a que erráticamente recorre, observa, com data de 9 de Janeiro de 1925: «[...] os grandes Artistas, são-no por serem grandes Homens, antes de grandes literatos.»³² Mais tarde, no terceiro tomo de *A Velha Casa (Os Avisos do Destino)*, Estêvão dirá a um Lelito/Régio, em Coimbra: «Não se fazem grandes artistas com pequenos homens.»³³ Por outras palavras, a um caso artístico superior corresponderia sempre um caso humano superior, pela sua riqueza, complexidade, subtilidade ou força. Numa carta a um amigo, escrita de Coimbra, em Março de 1923, desabafa: «Desta forma, só uma coisa quero para a minha Arte: Que ela seja eu *em corpo e alma*. Nenhuma outra regra lhe imporei, porque quero ser absolutamente sincero. Expressar, como todos esses grandes que eu amo, o eterno Sofrimento dos homens, é o meu único Sonho. E esse Sonho é a única razão duma Vida que já às vezes chega a pesar-me.»³⁴ «No tears of the writer, no tears of the reader», notava, maliciosamente, o poeta americano Robert Frost.

Esta atenção da sua arte ao seu «*eu em corpo e alma*» não deve ser «lida» em termos de um redutor narcisismo,

³² *Páginas do Diário Íntimo*, p. 50.

³³ *Os Avisos do Destino*, Vila do Conde, 1953-1955, p. 161.

³⁴ *Páginas do Diário Íntimo*, pp. 29-30.

como já acima dissemos: o *eu* é sempre a melhor e mais eficaz ponte para o *outro*.

Em Coimbra, Régio irá travar relações de amizade ou de mero intercâmbio social e intelectual com um diversificado leque de personalidades, com algumas das quais irá iniciar a aventura da *presença*: João Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca, Alberto de Serpa, Edmundo de Bettencourt, Adolfo Rocha (Miguel Torga), António de Sousa, Afonso Duarte, Fausto José, Vitorino Nemésio, etc. Com eles (nos cafés, em casa de uns e de outros, passeando, nas livrarias), esgrimirá as ideias que o revolvem e os valores que lhe são caros. Dialecta temível e, em determinadas condições de clima, quase diabolicamente «perverso», Régio impõe-se aos demais pela sua inteligência e capacidade de teorizar. Esta sua indiscutível superioridade será motivo de alguma afronta para certos temperamentos mais impulsivos e de ambição menos vigiada. Torga, por exemplo, reage mal e, acicatado pelo ressentimento originado na indiscutível superioridade do companheiro, romperá com a *presença*, em 1930, arrasando consigo, numa nebulosa de razões mal digeridas, Branquinho da Fonseca e Edmundo de Bettencourt. Mais tarde, em carta de 24 de Novembro de 1937 ³⁵, a Vitorino Nemésio, Régio desabafa: «É justíssimo tudo o que você me diz sobre o Rocha ³⁶.

³⁵ *Correspondência*, p. 106.

³⁶ Adolfo Rocha (nome civil do escritor Miguel Torga).

ções que me vêm de saber que várias vezes ele me ataca injustamente. Entre nós, porém, a situação é difícil e complexa. Deixei uma vez de lhe falar, e estive anos assim, porque me pareceu que ele pagara com brutal injustiça a calorosa recepção que a *presença* sempre lhe fizera. Ao fim de alguns anos de silêncio, falámos outra vez; e decerto ele não pôde deixar de compreender que fora eu quem procurara reatar as nossas relações interrompidas. Pois à segunda vez que nos falávamos depois desse silêncio, chocou-me e humilhou-me tanto que logo me arrependi da tentativa que fizera. Desde então, evitei-o para simplesmente evitar essas cenas penosas. Talvez com os outros as suas rudezas não tenham o sentido que têm comigo! Parece-me, às vezes, que ele tem um ressentimento, não sei porquê dirigido contra a minha própria existência. Não sei porquê? Talvez saiba, em parte, porquê: Eu tenho tido a sorte de encontrar na minha carreira literária um certo aplauso que nem sempre ele tem tido, pelo menos como exige. Mas... ele bem sabe que eu fui dos primeiros a querer conquistar-lhe esse aplauso.» No entanto, Régio não deixa de matizar este juízo um tanto severo, com palavras de real apreço: «Tudo o que fica dito — não me impede de reconhecer as reais delicadezas ocultas e outras qualidades do nosso extravagante poeta.» ³⁷

Coimbra, com todo o convívio, reflexão, aprendizagem e os inevitáveis sobressaltos, será pois, dissemo-lo já

³⁷ *Correspondência*, p. 107.

algures ³⁸, «o grande momento de iniciação, o vendaval e a calma, a solidão e os outros, a dissipação e o recolhimento, o encontro com os livros e com a vida, o último grande período de leituras intensas e extensas, de jogos da cabra cega, de sofrimentos intensos e alegrias não menos intensas».

Em 1925 conclui a sua licenciatura, com a apresentação de uma surpreendente dissertação, *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa* que, mais tarde (1941), ligeiramente remodelada, se dará ao público com o título: *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*. E, no ano seguinte, 1926 (e não em 1925, como tem sido dito, até pelo próprio José Régio), publica o seu primeiro livro de poesia, *Poemas de Deus e do Diabo* ³⁹. No «Posfácio» que escreveria para a 2.^a edição do livro (1943) e reescreveria depois para as posteriores, Régio auto-analisar-se-ia com lucidez, quanto às características inovadoras do livro: «Seriam os *Poemas de Deus e do Diabo* um livro *actual* no seu tempo? Creio que não, fundamentalmente. Participando da Tradição e do Modernismo, aproveitando de aquela e de este o que lhe convinha — era sobretudo um livro pessoal. Sem nenhuma

³⁸ José Régio *ou a Confissão Relutante*, Lisboa, 1988, p. 14.

³⁹ Em carta de 4 de Fevereiro de 1926, dirigida a seu pai, Régio informa que os *Poemas* ainda não saíram devido a demora com uma zincogravura, por isso, o livro não pode ter vindo à luz em 1925 [cf. *Correspondência Familiar (Cartas a Seus Pais)*, Portalegre, 1997].

sedução pelas modas, pelo novo *como novo*, pelas originalidades cozinhadas, nunca o autor abraçou o Modernismo senão como livre Academia de criação libérrima. Nunca outra lei aceitou no Modernismo, nem nenhuma escola ou corrente modernista se lhe impôs crítica ou dogmaticamente. Por criadores individuais teve sempre as grandes personalidades *modernistas* que o apaixonaram. Só por um Modernismo assim aberto lutou na *presença* e tem continuado a lutar até hoje: pela liberdade que pertence a cada artista original de forjar ele mesmo, e para si mesmo, as suas leis ou evasões. Melhor: de se não submeter senão aos limites, regras, fugas, caracteres a que o submeta a sua própria natureza humano-artística.»⁴⁰ É esta sua teimosa luta «pela liberdade que pertence a cada artista original de forjar ele mesmo, e para si mesmo, as suas leis ou evasões» que irá disseminar tantos anticorpos no *milieu* literário lusíada, isolando-o (a Régio) dos falsos vanguardistas mais ou menos conformistas e, no fundo, alheios ao que constitui a originalidade profunda dos autênticos criadores.

Coimbra, nos anos 20, era, apesar de um certo provincianismo nunca dela ausente, um lugar não despiendo: «Na Coimbra daquele tempo», observava o colega Martins de Carvalho, «havia de tudo em política, em literatura, em filosofia: a cidade não monopolizava nada e talvez aprofundasse pouco as ideias; mas tinha um ar

⁴⁰ *Poemas de Deus e do Diabo*, 7.^a ed., Lisboa, 1969, pp. 108-109.

atraente de feira aberta ao comércio do que aparecia nos livros, nos jornais e nas revistas: era humanamente interessante viver naquela cidade e naquele tempo.» E acrescentava: «Era a Coimbra académica dos anos vinte, mas nós e não os choupos, o luar ou as guitarras é que éramos essa cidade maravilhosa.» ⁴¹

Do jovem Reis Pereira, ou antes, do pequeno mundo de gente que o rodeava, dá ainda Martins de Carvalho indicação interessantíssima: «[...] Havia à sua volta um breve mundo humano ondulado e revolto donde saíram técnicos, estetas, burocratas, falhados e suicidas; um mundo que o atraía, de que ele não dispensava qualquer elemento, conhecedor como era do laço que prendia cada um àquele minúsculo universo. Eu entrava com o gosto natural pelas ideias e como me entendia bem com todos, fui trazendo os colegas juristas que faziam versos e admiravam Eugénio de Castro, um ou outro camarada da guerrilha política, os simples curiosos que apareciam para logo desaparecerem. E assim o grupo ia crescendo e renovando-se, mudando de células, proliferando em projectos e realizações, mas um pouco sempre à volta daquele sujeito calmo, de aparência frágil, que sublinhava as conversas com pequenas gargalhadas nervosas.» ⁴²

Reis Pereira mostrava-se já, em Coimbra, um ser intenso, apaixonado, mas com pleno domínio exterior de

⁴¹ A. Martins de Carvalho, *ob. cit.*, pp. 29 e 31.

⁴² *Idem*, p. 32.

si próprio: «[...] chegava, por vezes», nota Martins de Carvalho, «a aquecer, mas nunca atingia a fervura em que nos exaltávamos e perdíamos. Dominava-se e assim ia exercendo sobre nós certo domínio, que transformava uns em admiradores, outros em amigos, alguns em rivais e até em inimigos.»⁴³

O mundo interior que em Coimbra se lhe abre é dado no terceiro volume de *A Velha Casa (Os Avisos do Destino)*, em passagens de grande vigor e perceptividade, respeitantes ao protagonista Lelito, ali a viver o percurso do próprio Régio: «Nunca, aliás, a sua curiosidade fora tão viva pelos novos mundos interiores que lhe revelavam os poetas só agora descobertos, os críticos e pensadores em cujo estudo se ia iniciando. Neste ano de suspensão, o seu mundo *mais seu* não permanecia suspenso. Lelito descobria com alvoroço — principalmente, com uma espécie de apaixonada gratidão dirigida nem sabia a quem, a quê —, que os outros tinham sofrido inquietações, tormentos, perplexidades, agonias, enlevos ou desesperos idênticos aos seus, superiores aos seus. Assim, através do espaço e do tempo, se reconhecia como um elo vivo, numa cadeia de humanidade angustiada, palpitante, roída pela fome do Absoluto. Capazes, muito capazes eram esses seus grandes irmãos mais velhos de dar fascinante expressão literária quer à sua angústia, quer ao seu fogo! Comparando com tais obras os papéis em que, à maneira de diário,

⁴³ *Idem*, pp. 32-33.

confissões ou memórias, e aliás com longas interrupções de sentido, ia registando ora as mais amplas ansiedades do seu espírito, (assim as julgava ele, naquela zona interior menos atingida pela convencional modéstia) ora os pequenos factos puerilmente caricaturados *em grande*, da sua vida quotidiana, por certo não podia deixar de reconhecer Lelito, aí dele, a sua desanimadora inferioridade no exprimir-se. Nem por isso deixava de lhes ser comum, a ele e a tais heróis, o fundo dos sentimentos, pensamentos, aspirações. A verdade é que não estava tão só como o julgara! não era tão anormal como, às vezes, o temia! Outros, admirados por grandes, haviam destapado ao mundo abismos perante os quais deixavam de parecer monstruosas as suas pequenas perversões de sensibilidade ou complicações de sentimentos. Outros haviam descido muito mais fundo os sinistros degraus do Desespero, e subido mais alto, sempre mais alto, as escadas sem suporte do Ideal. Mas se, com os seus poucos anos e uma experiência limitada às paredes duma velha casa (ou dum colégio do Porto), sentira já coisas tão semelhantes às expressas em romances e poemas célebres... melhor: se já chegara a pensar, embora com as inevitáveis hesitações e deficiências, coisas que, no fundo, eram base sobre que erigiam grandes pensadores as suas esplêndidas architecturas de ideias e relações —, é porque pertencia àquela família dos heróis dos romances, dos poemas, dos sistemas [...]»⁴⁴

⁴⁴ *Os Avisos do Destino*, pp. 21-22.

Meditando nos grandes problemas que o afligiam e — consoladoramente o verificava — sempre afligiram os homens de todas as latitudes e longitudes, no decurso dos séculos —, e também no modo de mais eficazmente os exprimir, Régio preocupa-se já, como é óbvio, com problemas de técnica e de estética mas, ao contrário de uma lenda que os neorealistas farão propagar, sem qualquer prurido de fanatismo esteticista e tecnicista ou, se preferirem, sem a assunção de qualquer fundamentalismo formalista. Numa carta escrita ainda de Coimbra, a Tomaz de Figueiredo (de 19 de Junho de 1928), a propósito de um soneto que este lhe enviara, sob o pseudónimo de Manoel Octávio, para publicação na *presença*, Régio dá-lhe a sua franca opinião, em termos que não deixam dúvidas sobre onde se situa a si próprio, em matéria de expressão e de expresso: «Deixe-me ainda dizer-lhe, com a sinceridade que usará quem não saiba que Manoel Octávio é Você — que há sonetos seus que eu prefiro a estes dois últimos: Sempre os Artistas sabem falar daquilo que profundamente sentem: Há motivos que Você trata com mais sinceridade (quer dizer: com mais verdade, com mais originalidade) porque mais profundamente os sente — e a que dá, pois, expressão mais justa e comunicativa. O corte de verso que Você emprega no último Soneto não é novo: mesmo na *Presença* o encontrará. E embora o seu Soneto seja um triunfo da técnica — a técnica em Arte é um meio e não um fim... Na sinceridade do sentir e no exprimir-se, pre-

firo o Tomaz de Figueiredo, clássico, ao Manoel Octávio.»⁴⁵

É em Coimbra que José Régio começa a escrever, um pouco erradicamente, o seu *Diário*, que só virá a ser publicado postumamente. A primeira entrada, neste livro, tem a data de 6 de Fevereiro de 1923, tinha o autor 21 anos acabados de fazer, e a última é datada de 3 de Maio de 1966. Para um período de quarenta e três anos, a 1.^a edição publicada em 1994, com um número muito reduzido de cortes, não chega às quatrocentas páginas, ou seja, menos de dez páginas de registos por ano. A diarística não correspondia, de facto, a uma vocação profunda do autor, que melhor e mais à vontade se confessava por intermédio do «fingimento» artístico, do uso de máscaras, da finta ao leitor. Neste protocolo — o fingimento e a provocação —, este escritor profundo e dilacerantemente sincero viria a sagrar-se mestre. Ainda assim, o livro tem momentos de revelação intensa, de auto-análise finíssima e inesquecível: «Eles têm a força da violência», nota, por exemplo, em Coimbra, com data de 16 de Março de 1924, «eu tenho a força da insinuação; eles têm os privilégios da saúde, eu tenho os privilégios da doença; eles são desejados pela sensualidade das mulheres, eu sou desejado pela sensibilidade das mulheres; eles, quando vencem, deixam atrás de si revoltados — eu, quando venço, deixo atrás de mim agradecidos; eles são fortes, eu sou delicado; eles

⁴⁵ *Correspondência*, p. 22.

podem ter a beleza, eu, tenho a graça; eles são alma feita corpo, eu sou corpo feito alma.»⁴⁶

Coimbra vai ainda ser o palco de uma outra aventura importante: o aparecimento da revista *presença*, cujo primeiro número vê a luz no dia 10 de Março de 1927. Revista das mais importantes que em Portugal se têm publicado, ela tem, no entanto, sido origem de equívocos, «clichés» e reprovações que muito terão que ver com o facto de muitos críticos e até historiadores da literatura dela terem falado sem nunca a terem visto. A este propósito, numa lúcida nota que escreveu para a edição facsimilada que, da revista, publicou a *Contexto*, em 1993, David Mourão-Ferreira observava: «Eis que doravante [a partir desta edição facsimilada] se tornarão muito menos desculpáveis erros e preconceitos, equívocos e inexactidões que vêm sendo propalados a respeito da *Presença*. Não têm conta, desde há perto de cinquenta anos, os críticos e ensaístas, historiadores e professores de literatura que sobre ela têm proferido juízos mais ou menos definitivos — ‘contra’ ou ‘a favor’ (tem havido de tudo) — sem jamais haverem folheado (ou entrevisto sequer) as centenas de folhas [...] desta revista que em Coimbra se publicou, de 1927 a 1940, e que ora se vê execrada como nefasta reacção ao modernismo (qual?), ora abusivamente entendida como ‘único’ órgão de uma geração intermédia (paredes meias com o *Orpheu* e com os neo-realistas,

⁴⁶ *Páginas do Diário Íntimo*, p. 46.

incluindo nestes, como dizia um deles, neo-realões, neo-realinhos e neo-realejos), ora até tão depressa objecto de incenso como de vitupério por parte de quantos a consideraram uma como que sucursal novecentista da ‘torre de marfim’ somente habitada por adoradores do próprio umbigo e de todo alheia, claro está, à esfera do ‘social’, às incidências do ‘político’, às exigências ou pressões do ‘económico’. Inútil acrescentar», conclui David, «que muitos destes estereótipos apresentam a sua quota-parte, ainda que mínima, de verdade ou pelo menos de verosimilhança; mas nem a soma de todos eles lograria alguma vez definir ou caracterizar, na sua globalidade, o que de facto foi a *Presença*.» ⁴⁷

Dirigida na sua fase inicial (1927-1930) por José Régio, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões, e apresentando-se modestamente como «folha de arte e crítica», ela depressa mostrou possuir, em grau eminente, aquela «arte de criar entendimentos» que António Botto pensava ser uma das qualidades raras que distinguiam José Régio ⁴⁸. Arte de criar entendimentos, de pedagogia aprofundante, de análise fina, objectiva, clara, inteligente, com a qual os órficos tão pouco se haviam preo-

⁴⁷ David Mourão-Ferreira, «Esta Nova Presença da Presença», in *Presença — Edição Facsimilada Compacta*, t. 1, Lisboa, 1993, p. 5.

⁴⁸ Carta inédita dirigida por A. Botto a José Régio e que se encontra no espólio de José Régio, em Vila do Conde.

cupado. «Foi a esta reflexão e consolidação, pelos presencistas, das conquistas feitas pelos órficos», dissemo-lo algures ⁴⁹, «que já houve quem quisesse apelidar de ‘travagem’ ou mesmo de ‘contra-revolução’, isto é, de [tentativa] de ‘marcha-a-trás’» ⁵⁰. Em casos como este, embora não seja este o argumento fundamental, é sempre bom ir-se verificar, nos testemunhos e textos da época, a visão que então se teve do rosto e dos conteúdos da *presença*: como ela *apareceu*, aos seus contemporâneos, como eles a entenderam, como a admiravam, ou desprezavam (e porquê), como a temiam, como a ela se apoiavam... Numa carta a Régio (para dar só um exemplo, mas de peso), datada de 21 de Junho de 1937,

Vitorino Nemésio, nas vésperas do lançamento da sua *Revista de Portugal* e dez anos depois do advento da *presença*, punha os seus pontos nos seus ii, explicando o porquê da *Revista*, no contexto da existência da outra: «Vê pois que a coisa se coloca acima de tudo no pé de *uma certa qualidade*, o que resumirá as nossas tendências porque já de si é uma. No dia em que haja necessidade de fazermos balanços e arrumos, a *Revista de Portugal* dirá como a *presença* tem sido o único refúgio persistente e capaz de

⁴⁹ E. Lisboa, *José Régio ou a Confissão Relutante*, p. 25.

⁵⁰ Eduardo Lourenço, «*Presença* ou a Contra-Revolução do Modernismo», in suplemento «Cultura e Arte» de *O Comércio do Porto*, de 14 de Junho de 1960, e depois incluído em *Tempo e Poesia*, Porto, 1974.

artistas em Portugal, além de que foi o lábaro de um rumo novo. Isto são coisas conhecidas e assentes. Mas eu creio — e já o disse ao Casais e ao Simões — que chegou a altura de convivermos todos num lugar isento de todas as responsabilidades revolucionárias, num lugar limpamente *comum e geral*. Isto para lhe explicar como é que, havendo a *presença*, pensei noutra coisa que, sem as forças da *presença*, não será o que eu quero e é preciso.»⁵¹ Nemésio, do mesmo passo que atribuía à *presença* «responsabilidades revolucionárias», pretendia, por outro lado, «isentar» delas a *Revista de Portugal*: a *presença* era, na altura, ainda segundo Nemésio, «o lábaro de um rumo novo». Por outro lado, no prefácio que escreveu para o catálogo da exposição *Quem Tem Capa...*⁵², o conhecido bibliófilo e grande estudioso do modernismo português, Álvaro Bordalo, lembrava que «um grupo de rapazes de Coimbra funda a *presença* e assim se inicia o nosso segundo Modernismo, que não é uma reacção contra o primeiro, mas sim a sua continuação e até valorização. Do ponto de vista gráfico, é o período mais rico da apresentação gráfica do nosso século. A própria *presença*, impressa em papéis de em-

⁵¹ O original desta carta, publicada pelo autor do presente livro no n.º 103 do *Jornal de Letras (JL)*, p. 31, encontra-se no espólio de José Régio, em Vila do Conde.

⁵² Cit. por José Alberto dos Reis Pereira in «As gravuras da Música», in *A Cidade (Revista Cultural de Portalegre)*, n.ºs 4/5 (nova série), Portalegre, Jul.-Dez., 1989, Jan.-Jun., 1990.

brulho, é um autêntico relicário gráfico [...]» Fernando Pessoa, de resto, em carta a Alfredo Guisado, considerava a *presença* como uma «continuação» do *Orpheu* e não como uma reacção a ele.

Poucos movimentos literários terão sido tão mal «lidos», distorcidos e mediocrementemente vilipendiados nas suas intenções como o foi (e continua a ser) aquele que, no seu primeiro número, em editorial assinado por José Régio, pugnava por uma «literatura viva», isto é, não livresca, não poeirenta, não secamente formalista. Na *presença* cabiam, pois, todos os artistas autenticamente vivos e originais, sem destriça de tendência ou ideário político. Revista independente, que se abria aos espíritos livres do país, no próprio momento em que, caída a República, se iniciava a longa noite da ditadura de Salazar, a revista será estreitamente apelidada, pejorativamente, de «apolítica», quando não de... reaccionária. Num texto publicado em 1932, na revista que acabava de reaparecer, após um período de interrupção, Régio observava com firmeza: «Desde já, porém, podemos dizer que a *presença* pretende ser uma afirmação de independência, inteligência e largueza — uma fortaleza espiritual — num terrível momento histórico de múltiplas tentativas de humilhação do espírito; um órgão de criação e cultura, num terrível momento histórico de múltiplos ataques à cultura e ao génio individual. Assim», concluía o autor de *Poemas de Deus e do Diabo*, «lhe parece poder, até certo ponto, conciliar a sua vontade de se não fechar num partido com a sua natural

tendência a marcar uma direcção.»⁵³ Não se enfeudando a nenhuma ideologia partidária, a *presença* mostrava-se, no entanto, aberta a todas as ideologias — nisto, o tom e a substância do texto acima referido eram claros, inequívocos e, uma vez mais, firmes: «Que na obra dum artista, dum crítico, dum pensador, se reflectam as suas atitudes ou tendências políticas, sociais, éticas, religiosas, etc., não tem a *presença* a cegueira de o contestar; nem a ingenuidade de o combater. São outros — não os directores da *presença* — que, supondo-se armados de espírito científico, mas armados sobretudo de espírito proselitista, ingenuamente se contradizem ao mesmo tempo afirmando e desconhecendo o condicionalismo da criação intelectual. Quanto mais viva é a obra dum homem, mais nela se reflecte (embora muito indirecta ou subtilmente às vezes) o homem inteiro. Em nada, porém, a aceitação deste facto embaraça a posição da revista *presença*. Quando as tendências ou atitudes políticas, sociais, éticas, religiosas, em vez de *naturalmente* se reflectirem nas obras dum artista, dum crítico, dum pensador, grosseiramente alugassem a máscara da arte, da crítica, do pensamento, para melhor realizarem impunes a sua verdadeira intenção de divulgação e propaganda, — claro que a arte desses pseudo-artistas seria má, a crítica desses pseudocríticos falsa, o pensamento desses pseudopensadores deficiente; e então a *presença*

⁵³ José Régio, «*Presença* reaparece», in n.º 1 da *Presença* (2.ª série), Novembro de 1932.

recusar-lhes-ia as suas páginas.» ⁵⁴ Assim, se a *presença* aceitava, com largueza, obras até politicamente ou de outro modo comprometidas, exigia, no mínimo, que a «arte» delas se não resumisse ao pretexto ou cabide elementar em que se pendurasse o verdadeiro objectivo: uma qualquer propaganda, uma qualquer *agitprop*, política, social, religiosa, moral, o que fosse. Acima de «quaisquer desencontros pessoais, conflitos particulares ou até antagonismos doutrinários», a *presença* ou os da *presença* pensavam que «se poderia, talvez, pôr um ideal comum de beleza, lucidez, amplificação, cultura» ⁵⁵.

Beleza, lucidez, amplificação, cultura, eis quatro pilares que plenamente definem o ideário aberto e a prática da revista coimbrã, pelo menos nos melhores e mais felizes momentos dos seus melhores e mais cultos colaboradores — e foram muitos. O texto que temos vindo a citar e nos parece fundamental, para uso de qualquer estudioso despreconcebido do modernismo português, termina com estas admiráveis farpas aos que julgavam ter o monopólio do «humano» (os neorealistas, fundamentalmente), com isso pretendendo relegar os da *presença* para um esteticismo estreito, ressequidamente formalista e pateticamente academicista (tudo aquilo *contra que a presença* se rebelara desde o primeiro número da revista): «A arte pela qual a *presença* luta — é portanto hoje, como há doze

⁵⁴ *Idem.*

⁵⁵ *Idem.*

anos, uma *arte humana*. Orgulha-se a *presença* de quase ter ensinado esta expressão aos rapazes portugueses. Simplesmente, essa arte humana pela qual a *presença* lutou e lutar — não tem o significado ridículo que lhe dão os que só a si próprios e às suas próprias opiniões julgam *humanos*. *Arte humana* é para a *presença* toda a arte em que o homem se revela e exprime, seja através de que seu aspecto for: A realidade humana é muito mais rica do que a fazem quaisquer espécies de fanáticos; principiando pelos fanáticos do real.»⁵⁶ Régio tocava aqui num ponto capital: a reivindicação do que se entende por «humano» e por «vida»: como se ao conceito de «humano» e de «vida» se pudessem pôr fronteiras concebidas nos escritórios de quaisquer burocratas alcandorados no poder decisório sobre até onde a arte pode ou não pode atrever-se: como se o mundo complexo (e rico) das ideias, das emoções, dos infernos e paraísos individuais, com o intrincado e as armadilhas próprios a todo o convívio do homem com os outros, consigo próprio e com o transcendente, — não fossem parte integrante (e essencial) da vida e não pudessem ser matéria prima da arte! Régio — e a *presença* — opunham-se não a uma arte autenticamente comprometida, mas sim a uma arte *engagée*, cujo principal propósito fosse propagar um qualquer ideal político e não dar testemunho vibrante e sincero de *tudo* o que consome e atormenta o homem. Já em 1923, numa entrada com data de 29 de

⁵⁶ *Idem*.

Outubro, isto é, quatro anos antes do advento da *presença*, José Maria anotava no seu *Diário*: «[...] numa Obra artística, uma tese não é senão um *pretexto*. Quando não, a Obra terá uma intenção moral ou didáctica, e só por acaso fará Arte.»⁵⁷

Já citámos algures uma afirmação de Jean Rostand, a propósito de Régio (ou aplicável a Régio): «Il est si facile de professer des idées généreuses que je flaire toujours, chez qui s'en prive, une insolite probité de l'esprit.» Este aforismo do grande biólogo francês adequa-se perfeitamente à postura que sistematicamente adoptaram — Régio à frente — os críticos da *presença*: elegância e simpatia na análise, mas cuidando sempre de não sacrificar a desejável objectividade do juízo a uma suposta (e mal fundada) generosidade de propósitos. Num texto pré-presencista, publicado no n.º 2 da revista *Humanidade* (Coimbra), dirigida por Vitorino Nemésio e com data de 1 de Abril de 1925, Régio afirmava já que «numa terra [Coimbra] onde há uma universidade que blasona de ser a primeira do país, deveria predominar a cultura intelectual, a disciplina crítica, a elegância moral». Concedendo trunfos importantes à «elegância moral» da «démarche» crítica — e Régio jamais se desviará dela, mesmo nas inevitáveis e, às vezes, acesas confrontações com adversários —, o futuro autor de tantos textos de crítica e ensaio não os concede menos importantes à «cultura intelectual» e à «disciplina crítica», componentes

⁵⁷ *Páginas do Diário Íntimo*, p. 43.

que lhe propiciarão um discurso pouco inclinado ao primarismo, ao paternalismo, ao populismo e à demagogia. Neste mesmo artigo da revista de Nemésio, Régio aludirá já — e não cessará de o fazer ao longo da vida — à «liberdade de cada Artista criar a sua própria Arte», isto é, fora de mandatos exteriores e apenas atento à pulsão do seu «canto profundo». Esta altaneira e, no fundo, exigente postura do artista e do crítico fá-lo-á arrostar, com coragem (característica essencial do grande crítico e do criador original), uma maciça impopularidade que, paradoxalmente, coexistirá com uma genuína forma de popularidade.

À *presença* foram sendo feitas algumas críticas persistentes, atribuindo-se-lhe características que os manuais acriticamente repetem por os seus autores se absterem de *ir ver* (por preguiça? por política universitária?): monolitismo, psicologismo, contra-revolucionarismo, esteticismo exarcebado, apolitismo (reaccionarismo?), formalismo. Deixando de lado que o psicologismo, a existir, não constituiria crime, nem sequer defeito, a não ser na imaginação dos acusadores, a verdade é que a obra de muitos presencistas e a de Régio, muito em particular, frequentemente *saem* do realismo psicológico, para ousadamente intersectarem, com vigor e convicção, o simbólico, o mítico, o místico, o metafísico, o metapsíquico, o sociológico, o ontológico, o político... o ético! Insistir obtusamente no «psicologismo» da *presença* releva de uma inconfessada ignorância ou, alternativamente (à escolha), da pura má-fé. Quanto ao contra-revolucionarismo da revista e seus autores, julgo não valer muito a

pena insistir nisso. Como já algures observámos, «pretender-se que o que se segue a uma revolução artística [o *Orpheu*, por exemplo] é sempre uma contra-revolução, desde que não seja outra revolução é desconhecer os factos que a história da arte e da literatura regista. Sobre isto escreveram páginas inesquecíveis T. S. Eliot e Harry Levin que, por acaso, concordam comigo (ou eu com eles...). Dizem eles, em suma (e a biologia está de acordo...) que se não pode andar em estado de revolução permanente. Que, a um período de revolução (tumulto, inovação, com alguma destruição) se sucede [...] — para poder haver frutos — um período de gestão (e digestão) dessa revolução. Para roubar à nossa fisiologia um exemplo fulgurante, veja[-se] o funcionamento desse órgão vital que é o coração: dão-se nele dois movimentos opostos e *ambos necessários* — a sístole e a diástole (compressão e expansão ou distensão). A ninguém, em seu juízo, ocorreria chamar a um deles a contra-revolução do outro! [...] O segundo modernismo [...] não foi uma contra-revolução, nem sequer uma travagem. Foi uma operação de aproveitamento, pela via pedagógica. E foi também outras coisas. [...] A *presença* [...] promoveu a gestão e a digestão dos valores criados pelo primeiro modernismo — e criou outros.»⁵⁸

Por outro lado, só o desconhecimento dos textos fundamentais da *presença* e das preferências que ela não

⁵⁸ Entrevista ao diário *Europeu*, in *Portugaliae Monumenta Frivola*, de E. Lisboa, Lisboa, 2000, pp. 293-294.

raro mostrou por uma arte intensa e autêntica, mesmo quando desarrumada ou aparentemente desarrumada ou «gauche» ou fragmentária (Irene Lisboa, Brandão, Dostoiewsky, etc.), poderá sustentar as acusações de formalismo dissecado ou de esteticismo «à outrance»: o próprio manifesto fundador da revista, «Literatura Viva», é um grito de guerra inequívoco contra aquilo mesmo que acusam a *presença* de ser... E o próprio Régio ou Gaspar Simões não se importaram, tantas e tantas vezes, de francamente *preferir* obras ousadas, ainda que «gauches» ou destrambelhadas, na sua execução. Desde que *autênticas*.

Por fim, com o decantado «apolitismo» que se quis colar à revista coimbrã, ter-se-ia querido significar — porque não há outro sentido possível — a distanciação que os mentores da *presença* sempre fizeram questão de manter relativamente ao envolvimento do dogma marxista que então era de regra. «Apolitismo» que, no entanto, nunca impediu os jovens coimbrãos de afrontarem corajosa e inequivocamente a «política do espírito» de António Ferro, exactamente pelos mesmos nobres motivos por que rejeitaram outras cartilhas: pela simples razão de serem cartilhas e não prezarem suficientemente os valores artísticos e humanos. (Viria a talho de foice lembrar que Ferro vinha do Primeiro e não do Segundo Modernismo e que foi Almeida Negreiros e não Régio ou Simões quem fez vergonhas para ser apresentado a Salazar — que lhe bateu frio, segundo consta...)

Prestando, em 1977, no cinquentenário do aparecimento da revista, a homenagem que lhe achava devida, Jorge de Sena escreveu estas palavras justiceiras: «ela [a *presença*] promoveu e revelou os homens de 1915; ela atacou a literatice ou literatura livresca como Régio lhe chamou, ela exigiu penetração e inteligência críticas, aonde havia só superficialidade ou boa vontade jornalísticas; ela chamou a atenção para toda uma renovação das artes e defendeu-a; ela tentou recolocar a cultura literária portuguesa ao nível da informação internacional que não interessara os homens de 1915 (os quais, no seu imenso orgulho se consideravam *isso* em benefício dos outros)»⁵⁹. E acrescentava: «Isto foi não só nas páginas da revista, mas individualmente por quantos dos presencistas fizeram crítica [...] Mas foi feito também pela própria prática literária de grande parte dos presencistas que é mais do que ridículo dizer que contam entre si alguns dos maiores escritores portugueses deste século, e nas segundas filas alguns dos mais interessantes e até dos mais influentes.»⁶⁰

A *presença* foi também das primeiras, em Portugal, pela pena de Régio, a dar ao cinema a atenção que ele merecia, outorgando-lhe estatuto de grande arte, ao lado da literatura, da música, do teatro e das artes plásticas. Este amor

⁵⁹ J. de Sena, *Régio, Casais, a «Presença» e Outros Afins*, Lisboa, 1977, pp. 29-30.

⁶⁰ *Idem.*

empenhado e contínuo pelo cinema haveria Régio de conservá-lo até ao fim da vida. Criticando, editando, criando, estudando, ensinando, promovendo, procurando, mesmo, criar uma produção cinematográfica portuguesa, a *presença*, com inteligência, sensibilidade e obstinação ímpares, soube, durante o longo período de treze anos, afirmar-se como escola singular de pedagogia e criação, de renovação dos hábitos de leitura (Proust, Dostoiewsky, Tolstoi, Bergson, Gide, Claudel, autores brasileiros), de independência, de disciplina crítica, de elegância, de coragem no afrontamento da «política do espírito», de cultura e de lucidez. Dando ao modernismo o seu sentido mais amplo, menos fechado na dimensão de capelinha ou escola, Régio afirmaria com firmeza e altivez: «*Presença* não crê na eficácia das escolas, aceitando-as meramente como factos históricos. Isto... quando o sejam. Recusa-se, pois, a fazer do modernismo escola. Perante quaisquer correntes contemporâneas — e independentemente das opiniões dos seus colaboradores —, mantém-se numa atitude de expectativa, simpatia e liberdade. Tudo o que é vivo lhe interessa vivamente, pertença a que época pertença.»⁶¹

Saindo de Coimbra em 1928, Régio exercerá, durante o ano lectivo de 1928-1929, o cargo de professor provisório no Liceu Alexandre Herculano, no Porto (entrada em

⁶¹ J. Régio, «Afirmações», in *Presença*, n.º 28, Ag.-Out. de 1930. Incluído in *Páginas de Doutrina e Crítica da «Presença»*, Porto, 1977.

exercício em 29 de Novembro de 1928 e termo do exercício em 27 de Julho de 1929). Ainda em 1929 vai para Portalegre como professor agregado (entrada em exercício em 8 de Outubro de 1929 e termo do exercício em 3 de Dezembro de 1929), sendo, em seguida, nomeado, por um período — 9 de Dezembro de 1929 a 28 de Fevereiro de 1930 —, para o Funchal, para onde, na realidade, nunca chegaria fisicamente a deslocar-se: ficaria na cidade do Alto Alentejo até 1962, ano em que se aposentaria (26 de Fevereiro). Portalegre, cuja aceitação se não fez rapidamente («pátria que à força escolhi»⁶²), tornar-se-á o «lugar onde» dos grandes anos de criação: grande parte do mais importante da sua obra ali foi concebida e realizada: *Jogo da Cabra Cega*, romance, 1934; *As Encruzilhadas de Deus*, poema, 1936; *António Botto e o Amor*, estudo, 1937-1938; *Em Torno da Expressão Artística*, 1940; *Primeiro Volume de Teatro (Jacob e o Anjo e As Três Máscaras)*, 1940; *Davam Grandes Passeios aos Domingos...*, novela, 1941; *Fado*, versos, 1941; *O Príncipe com Orelhas de Burro (História para Crianças Grandes)*, romance, 1942; *Mas Deus É Grande*, líricas, 1945; *A Velha Casa, I — Uma Gota de Sangue*, romance, 1945; *Histórias de Mulheres*, 1946; *A Velha Casa, II — As Raízes do Futuro*, romance, 1947; *Benilde ou a Virgem-Mãe*, drama, 1947; *El-Rei Sebastião*, poema espectacular, 1949; *A Velha Casa, III — Os Avisos do Destino*, romance, 1953-1956; *A Salvação do*

⁶² «Fado Alentejano», in *Fado* (1941), 3.^a ed., Lisboa, 1969, p. 141.

Mundo, tragicomédia, 1954; *Três Peças em Um Acto*, 1957; *A Velha Casa, IV — As Monstruosidades Vulgares*, 1960; *Filho do Homem*, versos, 1961; e *Há mais Mundos*, contos, 1962. Isto sem falar em antologias de lírica portuguesa que também organizou, prefaciou e anotou. Anteriormente a este período ficavam a tese de licenciatura, *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa*, de 1925 (refundida e publicada, em 1941, com o título de *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*); *Poemas de Deus e do Diabo*, 1926, e *Biografia*, sonetos, 1929. Posteriormente aos anos de criação e publicação alentejanos, poder-se-iam ainda registar (embora tendo-se em atenção que não pouco do publicado após a reforma terá sido realmente concebido e, em grande parte, escrito, durante a permanência na cidade alentejana): *Ensaio de Interpretação Crítica*, 1964 (que, precisamente, apenas colige textos obviamente produzidos — e publicados — durante o período portalegrense). *A Velha Casa, V — Vidas São Vidas*, romance, 1966; *Três Ensaio sobre Arte*, 1967 (que inclui o *Em Torno da Expressão Artística*, de 1940), e *Cântico Suspenso*, poemas, 1968. Já postumamente, assinalar-se-iam os seguintes títulos: *Música Ligeira*, poemas, 1970; *Colheita da Tarde*, poemas, 1971; *Confissão Dum Homem Religioso*, 1971; *16 Poemas dos Não Incluídos em «Colheita da Tarde»*, 1972; *Escritos de Portalegre*, 1984; *Jorge de Sena/José Régio: Correspondência*, 1986; *José Régio e Flávio Gonçalves (Os Caminhos de Uma Amizade): Correspondência*, 1989; *Sonho de Uma Véspera de Exame*, teatro, 1989; *Novos*

Poemas de Deus e do Diabo, 1994; *Primeiros Versos/Primeiras Prosas*, 1994; *Crítica e Ensaio*, vols. I e II, 1994; *Correspondência*, 1994; *Páginas do Diário Íntimo*, 1994; *José Régio e António Sérgio: Correspondência*, 1994; *Correspondência Familiar (Cartas a Seus Pais)*, 1997.

Como se disse, a aceitação de Portalegre não foi fácil nem rápida, mas acabou por se tornar profunda e produtiva. Os testemunhos disto abundam. Em 1936, em carta a Casais Monteiro, sete anos depois de se instalar na cidade alentejana, Régio observava: «Quanto a Portalegre... Portalegre tem arredores admiráveis, embora a cidade seja um puro atrazo.» Mas acrescentava, a seguir: «Além dos seus admiráveis arredores, Portalegre oferece-me uma grande sala e um pequeno quarto em que posso, às vezes, ter alegria e paz trabalhando, ou em que me refugio, com uma certa impressão de aconchego, quando não posso ter nem paz nem alegria. Longe do vício dos cafés, dos ciúmes dos literatos, do tédio dos divertimentos das cidades, das demonstrações quase sempre interesseiras dos amigos, (não falo de todos, claro!) — longe de tudo como se estivesse debaixo das águas ou debaixo da terra [...]»⁶³ E, quatro anos depois, em carta a Irene Lisboa, nota a relação profunda que se estabeleceu entre a sua criação literária e o Alentejo que aos poucos o foi conquistando: «Assim vivo eu muitas vezes durante a Primavera, que explode violenta, caprichosa e dominadora neste Alentejo que pouco a pouco se tem vindo apoderando de mim. Parece que o meu corpo

⁶³ Carta de 26 de Junho de 1936, in *Correspondência*, pp. 90-91.

nem pode com a vida que então rebenta em mim como em tudo: — e ando desigual, inquieto, criador e indisciplinado: doente, embora duma doença fecunda que mais tarde aproveitarei.» ⁶⁴ Dois anos depois, a Branquinho da Fonseca, não hesita em declarar que «Portalegre e os seus arredores já têm [para ele] — agora — uma sedução quase inquietante.» E acrescenta: «Manietam-me, não há dúvida; e, permitindo-me as mais aventurosas viagens do espírito, deixam-me sem grande vontade para as deslocações do corpo. Quem se não mete na intrigalhice local — pode viver, aqui, um pouco de eternidade.» ⁶⁵

O Alentejo traz-lhe, pois, a melancolia da solidão e as *vantagens* da mesma: ensina-lhe a fazer um bom uso das «doenças», como recomendava Pascal. E ensina-lhe a fertilidade da renúncia. A João Gaspar Simões (19 de Fevereiro de 1938): «Dir-te-ei ainda que Portalegre, várias experiências dolorosas, a proximidade dos quarenta e o gosto — que sempre tive e agora aumenta — da solidão, vão criando em mim um certo estado monacal que me torna fáceis certas renúncias?» ⁶⁶

A solidão, a falta de agitação própria de um meio provinciano e pacato, o convívio medido e menos dispersivo que o das «grandes cidades» são vantagens propiciadoras de um trabalho contínuo e obstinado. Régio

⁶⁴ Carta de 26 de Maio de 1940, in *Correspondência*, p. 142.

⁶⁵ Carta de 25 de Abril 1942, in *Correspondência*, p. 162.

⁶⁶ *Correspondência*, p. 113.

trabalha em várias obras ao mesmo tempo, sem falar nas suas viagens pelos arredores, à procura de antiguidades que coleciona e acumula quase compulsivamente. Numa carta a Branquinho, dá conta do seu «método»: «Penso fazer sair agora o meu 1.º volume de Teatro, escrevi um caderno Inquérito que está nas mãos do Salgueiro, arrasto nas horas vagas muito raras, a trôpega *Velha Casa*, passo a limpo alguns fados do *Fado*, que espero fazer sair numa espécie de colaboração com o meu irmão, e, além de estar começando uma nova peça, escrevo interiormente várias outras coisas que seria ocioso citar.» ⁶⁷ Este trabalho porfiado e *dividido* exige, como já se disse, uma vigorosa, decidida gestão de sacrifícios e renúncias. Numa carta ao amigo Gaspar Simões, informa e avisa: «Há muito que eu aspiro a renunciar àquela gentileza de relações entre literatos — relações muito mais mundanas que literárias — que entretêm os que não trabalham e não deixam trabalhar os outros. Mas é claro que, se pretendo eliminar ou limitar essas — é não só para poder trabalhar mais, como também para poder manter mais estreitas relações de correspondência com a meia dúzia de amigos a que não renuncio.» ⁶⁸

Esta estratégia de defesa contra a dispersão torna-se tanto mais necessária quanto um certo incremento de popularidade se vai saldando por solicitações que se

⁶⁷ Carta de Portalegre, de 3 de Maio de 1940, in *Correspondência*, p. 136.

⁶⁸ Carta de 17 de Abril de 1941, in *Correspondência*, pp. 146-147.

multiplicam. Em 16 de Fevereiro de 1943 desabafa com Simões: «Sempre correspondência atrasadíssima, livros para agradecer, trabalhos a prazo fixo para terminar, consultas a quem não respondo, sei lá! Desde que gozo de uma relativa *popularidade*, perdi muito da alma em que vivia no meu recanto.»⁶⁹ Por outro lado, esta sede de isolamento, este horror à dispersão, para fins de produção artística, não o levam a uma rejeição de intervenção política, a um «apolitismo» suspeito que frequentemente se lhe quis colar à legenda. Numa significativa passagem de uma carta ao pai, escrita de Portalegre, em 10 de Março de 1949, faz questão de sublinhar: «Quanto a política... há uma coisa importante: Não me sinto com vocação para político! Mas porque devo um certo respeito ao meu próprio nome — e não devo desiludir as pessoas que me respeitam — seria obrigado a tomar, em certos momentos, uma certa atitude, mesmo que não fosse espontaneamente impelido a isso: Acontece, porém, que sou espontaneamente impelido a isso. E contra isto, não há, para mim, nenhum argumento que valha. Nem todos os homens são da raça de sempre andarem encolhidos de medo. Penso, aliás, que há *medo a mais*.» E acrescenta: «Sempre tenho procurado marcar a minha atitude, sim —, mas sem excessos nem destrambelhos: Não me esqueço de que sou um professor. Devo ser corajoso... e prudente. Bem... tinha a dizer isto. Para ser, como sou, contra o comunismo, também tinha de me mostrar adversário da

⁶⁹ *Correspondência*, p. 175.

ditadura salazarista.»⁷⁰ Régio mantém, pois, um equilíbrio delicado entre um certo cepticismo e inapetência (não total) por uma intervenção política mais contínua e activa e um certo sentido de dever para com os amigos e para com a sua própria imagem. Cedetambém a impulsos (profundos), mas ser-lhe-ia difícil comprometer-se mais activamente. Em períodos eleitorais, participa em mesas da oposição, escreve textos para o jornal local (*A Rabeca*) e para os jornais de Lisboa (textos de uma inequívoca e firme adesão aos ideais democráticos que tenta equacionar com a filosofia do cristianismo), mas há um «outro» Régio que assiste a tudo isso com alguma distância e cepticismo. A Álvaro Salema, a quem envia, assinado, um papel político da oposição, comenta: «Aqui lhe devolvo a folha assinada. Sim, estes papéis são mais ou menos ‘utópicos’. Mas se a todos os atentados nem com estes utópicos papéis se responde, — talvez ainda seja pior. Triste mundo e triste século este em que vivemos.»⁷¹ E a Alberto de Serpa, ano e meio depois (28 de Janeiro de 1949): «Tenho andado engripado, um dia melhor e outro pior, e, mesmo assim, bastante metido na Comissão Distrital de Propaganda [pró Norton de Matos], a que pertenço. Assisto a reuniões, sessões, etc. Amanhã te mandarei um exemplar de cada número do jornal

⁷⁰ José Régio, *Correspondência Familiar (Cartas a Seus Pais)*, 1997, p. 174.

⁷¹ Carta de 2 de Julho de 1947, in *Correspondência*, p. 197.

[*A Rabeca*] onde publiquei dois artigos. Quanto aos meus artigos para *A República*... parece que a Censura embirrou particularmente comigo: Deixando que tantos falem, não me deixam a mim. O primeiro artigo anunciado, 'O Recurso ao Medo', foi cortado. Deve aparecer numa publicação clandestina. O segundo, 'Ordem e Desordem', apareceu anteontem, miseravelmente truncado, com o título (que lhe pôs o jornal, naturalmente para sugerir essas mutilações aos leitores) de 'Algumas Palavras de José Régio'. Isto tem-me feito perder a calma! Nem agora, e aliás expressando-me em termos de decência, — posso dizer alguma coisinha!»⁷² No *Diário*, são várias as entradas que Régio dedica à ambiguidade e à sinceridade contraditoriamente coexistentes do seu empenhamento político. Com data de 12 de Dezembro de 1950, regista isto: «Poderá parecer que me não preocupo com os graves problemas do mundo em que vivo... No entanto algumas vezes quase tenho vontade de morrer, por desgosto deste emaranhado beco sem saída que é o mundo de hoje. Se pudesse aderir fosse ao que fosse! Mas como?! Não creio no marxismo, que me parece mutilar o homem: quer por desconhecimento, quer por deliberação. Menos creio na Rússia de Staline, que, à sombra duma ideologia internacionalista, criou um novo imperialismo; e um imperialismo de bárbaros. Detesto o Capitalismo, com todas as suas monstruosas aquisições. A América — única força

⁷² *Correspondência*, pp. 221-222.

capaz de se opor à Rússia — oferece um confuso espectáculo em que se debatem aspirações porventura generosas com um super-industrialismo cego, um tecnicismo desvairado e sufocante, um insaciável anseio de prazeres materiais, cultura fácil, vida vertiginosa, sensações intensas e superficiais... O terror da China pesa sobre a Europa. A França está velha e podre — apesar de insistir na pretensão ao primado da cultura europeia. Exausta de lutas, só quer, no fundo, um pouco de repouso e de prazer... A Inglaterra está pobre, e a contas com os seus próprios problemas. (Todavia, ainda é de lá que nos vem a esperança dum socialismo inteligente e humano!) [...] A Alemanha..., não recairá no fascismo desde que lhe permitam soerguer-se um pouco? Não abraçará qualquer mística de desforra? A Espanha, quando liberta do palhaço que a domina, — poderá atingir qualquer unidade? A Guerra civil revolve-se-lhe continuamente nas entranhas... E o resto da Europa é neutro, — dada a sua impotência perante o que se avizinha ou se receia. Nesta desorientação e neste egoísmo gerais, o Catolicismo, com o poder que ainda mantém, poderia ser um refúgio e um contraveneno. Infelizmente, apesar de todas as espectaculares fachadas, a Igreja esterilizou-se à falta de fermento místico. Palavras, congressos, paradas... — nada poderá salvar o Catolicismo da secura interior que o mina, se nele não surgem novos Santos, novos Apóstolos do Cristo de sempre que é o dos Evangelhos. Sem uma acção verdadeiramente cristã, — de nada servirá à Igreja Católica o poder temporal que tão avidamente solicita. E eis o mundo em que vivemos, e em que ainda sonhamos — nós, os artis-

tas — criar ou contemplar um pouco de beleza...»⁷³ Régio faz aqui uma análise lúcida e implacável do mundo que vê à sua volta e da religião que se originara no cristianismo, para dele se desviar: um cristianismo que vê afinal cuspidor e traído por aquela Igreja em que fora educado e que, em vez de acarinhá-lo e promovê-lo, nos seus valores de origem, se mostra ávida de poder temporal — obtida à custa de compromissos com Salazar, Franco... e outros. O autor de *Biografia* dá aqui um exemplo da contradição que, desde muito cedo, o foi dilacerando: por um lado, o conflito entre um instinto profundo de místico e a realidade bruta e desapontadora de um cristianismo traído pela Igreja Católica Apostólica Romana..., e, por outro, o conflito entre um desejo de acreditar na ordenação possível da realidade social segundo são princípios de uma democracia cristã e a bruta realidade *real*, que oscilava entre o comunismo (impensável) e o capitalismo (materialista e obscuro). O seu cepticismo (político, religioso) ir-se-á agravando com a idade. Numa entrada de 7 de Julho de 1953, no *Diário*, Régio nota com profundo desânimo: «O meu desinteresse pela política (e tanto nacional como mundial) é, por agora, quase completo. No entanto, assinei ainda há pouco mais uma dessas inúteis exposições ao Estado sobre as próximas eleições de deputados. A tal respeito me tem escrito o António Sérgio. Creio que estou perdendo qualquer fé na Democracia; — mas que não quero perdê-la, e insisto numa atitude que,

⁷³ *Páginas do Diário Íntimo*, pp. 176-177.

como tantas outras minhas, poderá ser tida por hipócrita ou dúbia desde que não compreendida. Ora dúbia, talvez; mas profundamente sincera.»⁷⁴ Em 1949, Régio participou intensamente na campanha de apoio à candidatura de Norton de Matos. De uma longa entrada no seu diário, vale a pena transcrever a lúcida análise que faz do seu próprio comportamento político e das suas motivações profundas: «Ora no fim de contas», pergunta-se Régio, «que me levou a mim, que sou escassamente político, a tomar estas atitudes de certo modo corajosas, até arrojadadas, para um professor do liceu que não possui senão alguns trastes velhos?» E respondia:

Creio que duas coisas:

Primeiro, a consciência de que o meu nome me impunha — e em idênticas circunstâncias voltará a impor — uma certa acção em favor dos meus ideais ético-políticos.

Segundo, uma certa fraqueza sentimental perante os que de mim esperavam qualquer actividade, e me convidavam a ela. Dificilmente suportaria a ideia de os desiludir de todo.

Verdadeira paixão, nunca a pus, portanto, nessa minha aliás escassa actuação como político; ou, se pus essa paixão, foi *contra coisas que, do ponto de vista moral*, condeno e odeio. O ponto de vista moral será sempre fulcro de qualquer minha acti-

⁷⁴ *Idem*, p. 254.

vidade social ou política. Quem, porém, de tudo isto concluísse qualquer falta de sinceridade nessas minhas intervenções, não faria senão um pobre juízo simplista ⁷⁵.

Régio insiste, pois, em alguns pontos essenciais à caracterização não tendenciosa do seu proceder político: escassez de actuação, por falta de uma autêntica vocação política; sinceridade inquestionável no que faz, *quando actua* (mesmo quando essa sinceridade coabita com um certo inevitável cepticismo); o ponto de vista moral, como motor de arranque contra coisas que «condeno e odeio».

*

Durante os trinta e três anos que passa em Portalegre, Régio entrega-se, como vimos, à criação de uma obra vasta e variada. Para o conseguir, faz uso de uma longa paciência e obstinação. Numa importante e reveladora carta a Nemésio, dá-lhe conta disto mesmo: «Quanto a *criação*, inspiração e trabalho, — penso explicar-me numa das cartas que tenho vindo rabisando para a *Seara*. A respeito de várias personalidades da minha geração, ou já da seguinte, o que penso é que lhes faltam exactamente aquelas qualidades de ruminação, de paciência, de persistência, de *trabalho*, sem as quais todo o poder de criação

⁷⁵ *Idem*, pp. 148-149.

se limita, e toda a inspiração não produz senão clarões (quando não fogachos) intermitentes. De aí a minha alegria quando vejo reunirem-se qualidades de inspiração e, digamos, de profissionalismo. Ah, se toda a gente soubesse como eu gosto de ver toda a gente dar tudo quanto pode! Cá por mim, sempre foi o meu maior sonho ser ao mesmo tempo um criador e um operário; para completar a nota: um boémio e um homem de gabinete e oficina.» ⁷⁶

Convive com amigos, à noite, no Café Central, ou em reuniões, sobretudo em casa de Feliciano Falcão, notável médico analista e homem de cultura, que lhe proporciona ouvir música de uma boa e sempre actualizada discoteca. Vai ao cinema, com regularidade, ver tudo o que aparece, mesmo o menos bom, porque isso lhe permite desanuviar, divertir-se e dar pasto a um «vício» que lhe vem de longe. E viaja por perto, na apanha de «trastes velhos» que lhe vão enchendo as paredes, os armários, os baús... Mas, sobretudo, trabalha, solitário ou, como diz, «à parte». Numa carta de 14 de Junho de 1955, dirigida ao autor deste livrinho, nota: «Um escritor sério e preocupado com certa coerência moral — tem que trabalhar à parte: trabalhando como só para si, e olhando a tal República das Letras como um espectáculo divertido e longínquo, mesmo quando, pela força das circunstâncias, metido nele.» ⁷⁷ Escritor

⁷⁶ Carta de Portalegre, de 31 de Julho de 1937, in *Correspondência*, p. 103.

⁷⁷ *Correspondência*, p. 278.

conhecido, até certo ponto estudado e desfrutando de uma certa — indiscutível, crescente — popularidade, nem por isso foi sendo menos alvo constante — persistente — de ataques de cada novo grupo ou movimento literário que surgia. A sua independência — política, artística, intelectual — fez-lhe pagar, ao longo do seu percurso, uma pesada factura. Popular e impopular, amado e detestado, apreciado e frequentemente mal lido — eis o destino de tantos íntegros. De aí que tivesse tão frequentemente que sair à estacada, para lutar pelos seus direitos, ou antes, pelos direitos que sentia merecer a sua obra. A seu pai, em carta de 23 de Março de 1956, dizia: «Eu lutar, — luto. Pode, mesmo, dizer-se que a minha carreira literária tem sido sempre uma luta. Ainda agora continuo a lutar nos meus artigos, (pois estou em desacordo com várias coisas do meu tempo) continuo a lutar pelas minhas peças e pelos meus romances... que despertam várias antipatias e más vontades, sobretudo vários despeitos.»⁷⁸ E, numa carta de 1955, dirigida a Irene Lisboa, tocava já no mesmo ponto: «Acho que, numa certa medida, todo o criador tem obrigação de defender e tentar impor a sua obra: É como a obrigação que tem um pai de proteger os seus filhos.»⁷⁹

Apesar de cheio de trabalho, mantém uma intensa e extensa correspondência com amigos, com colegas, admiradores, conhecidos. Correspondência que é de

⁷⁸ *Idem*, p. 281.

⁷⁹ *Idem*, p. 272.

importância capital para o conhecimento de uma época e para confirmação e afinamento de hipóteses que os textos de criação sugerem. O que os ensaios dizem com cautela e subtileza aparece, por vezes, em cartas, com uma força explícita e uma quase brutalidade que surpreendem (fenómeno idêntico se verificou com Flaubert). Numa carta a Joaquim Pacheco Neves, por exemplo, insurge-se eloquente e vigorosamente contra aquele mesmo «formalismo» de que alguns quiseram acusar a *presença*: «Acho que tens toda a razão no que dizes sobre a humanidade da Arte. Por mim, também não vou nesses formalismos e rebuscados intelectualismos de certa arte contemporânea, que afinal não passa de mais um triunfo do ídolo moderno... — *Sua Majestade a Técnica*. Como parece nada terem para dizer, esses novíssimos artistas prendem-se mas é com o ‘como dizer’... isto é: com a forma, a expressão. O Superiormente humano é que fica. Ou não fossem homens os próprios artistas, e aqueles a quem se dirigem.»⁸⁰ Entre os seus correspondentes, poder-se-iam citar, além dos seus familiares e dos camaradas da *presença* (João Gaspar Simões, Branquinho da Fonseca, Adolfo Casais Monteiro, Alberto de Serpa), nomes como Fernando Pessoa, António Sérgio, Agostinho de Campos, António Botto, Vitorino Nemésio (de cuja *Revista de Portugal* Régio seria colaborador), Irene Lisboa, Tomás de Figueiredo, Fausto José, Raul Proença, José Marinho, Álvaro Ribeiro, João

⁸⁰ *Idem*, p. 317.

José Cochofel, Álvaro Feijó, Carlos Queirós, António Pedro, Albano Nogueira, José Osório de Oliveira, Jorge de Sena, Álvaro Salema, Luís Amaro, Sebastião da Gama, David Mourão-Ferreira, Óscar Lopes, Maria Barroso, Cristovam Pavia, Miller Guerra, Guilherme de Castilho, Maria Aliete Galhoz, Matilde Rosa Araújo, Luísa Dacosta, H. Prista Monteiro, Flávio Gonçalves, Manuel Poppe, Ernesto de Sousa, Fernando J. B. Martinho, Eugénio Lisboa, etc. Com alguns destes destinatários a correspondência é substancial e, nalguns casos, vastíssima (com Alberto de Serpa, por exemplo) e, de um modo geral, interessante ou mesmo importante. Com António Sérgio, Régio manteve relações de mútua e forte empatia e de grande admiração intelectual, de parte a parte. É de Sérgio que parte um dos poucos acenos de inequívoca adesão à *Velha Casa*, mais concretamente, ao 1.º volume, *Uma Gota de Sangue*: «Só hoje a minha complicada e trabalhosa vida me permite escrever-lhe e responder à sua boa carta, depois de lido o romance. Foi com grande contentamento que gostei muito dele. Tudo me parece excelente: a descrição psicológica, a composição, o estilo. Se os restantes da série se mantiverem homogéneos com este, ficará tudo obra de primeira ordem.»⁸¹ Em Sérgio, Régio admirou o lutador democrático, que pagou uma pesada factura pelas suas convicções políticas, o pedagogo luminoso, o crítico

⁸¹ *José Régio/António Sérgio: Correspondência (1933-1958)*, Portalegre, 1994, p. 88.

literário finíssimo, o abridor de caminhos novos e estimulantes nas áreas da historiografia e da cultura. Na última carta que se conhece dirigida por Régio ao autor dos *Ensaio*s, pode ler-se uma homenagem comovida prestada por um místico racionalista a um racionalista místico: «Recebi o seu último livro de *Ensaio*s ⁸² que ando a ler devagar (cada vez gosto mais de ler devagar), com o vivíssimo interesse com que leio tudo que o António Sérgio escreve. Ia dirigir-lhe umas linhas acusando a recepção do livro, quando soube que mais uma vez tinha sido incomodado pela sua resistência a este lastimável estado de coisas em que vivemos. Aquela pobre gente não entende que nada mais consegue, assim, do que aumentar o prestígio de Homens que, aliás, não precisam dessa ajuda para o terem. Dissemos, eu e dois ou três amigos com quem tenho, aqui, bom convívio: ‘Aqueles Homens são mais velhos que nós, e dão-nos um exemplo de resistência e persistência que deveríamos envergonhar-nos de tão mal seguir!’» ⁸³

Em 1947 Régio assistiu, com não escondido regozijo, matizado de elegante modéstia, à inesquecível produção, no Teatro Nacional D. Maria II, do seu drama *Benilde ou a Virgem-Mãe*. Foi o momento do encontro com o jovem David Mourão-Ferreira que, mais tarde, na *Távola Re-*

⁸² A. Sérgio, *Ensaio*s VIII, Lisboa, 1958.

⁸³ Carta de Portalegre, de 2 de Dezembro de 1958, in *José Régio/ António Sérgio: Correspondência...*, pp. 107-108.

donda, viria a prestar-lhe uma lúcida e comovida homenagem. O autor de *Benilde* ficaria, para o autor de *Os Quatro Cantos do Tempo*, como um autêntico «herói intelectual».

Poucos anos depois (1952), encenado no Théâtre des Champs Elysées, em Paris, por um grupo de jovens franceses entusiastas, seria a vez de *Jacob e o Anjo*.

Com o romance, categoria literária que Régio sempre particularmente acarinhou, sentiu-se menos festejado: o *Jogo da Cabra Cega*, publicado em 1934, foi, logo a seguir, apreendido pela Censura; *O Príncipe com Orelhas de Burro*, de 1942, conheceu um êxito relativo, em total desproporção com o seu mérito insigne e *A Velha Casa*, a começar pelo seu amigo e camarada da *presença*, João Gaspar Simões, irá defrontar-se, ao passo da sua publicação lenta, irregular, mas obstinada, com uma crítica desatenta, ou insensível, ou inepta, ou ressentida, ou francamente hostil. Quando não, desdenhosa. Esta desatenção persistente, apesar do Prémio *Diário de Notícias* atribuído, em 1961, ao volume *As Monstruosidades Vulgares*, iria feri-lo, tanto mais quanto Régio, como dissemos ⁸⁴, amava a ficção longa não menos do que a poesia ou o teatro. Os testemunhos escritos dessa empatia profunda abundam e citaremos, quase ao acaso, apenas uma passagem de uma carta a Miller Guerra, na qual sublinha, com vigor, esse seu gostar de instalar-se num mundo ficcional *que dura*: «[...] gosto muito daquele longo,

⁸⁴ Ver, por exemplo, prefácio a *Contos e Novelas*, in *Obra Completa*, INCM, Lisboa, 2000.

minucioso e múltiplo convívio que nos permitem os romances extensos à Balzac, à George Eliot, à Tolstoi... — romances que são outro mundo no meio do mundo em que quotidianamente nos agitamos e uma vida à parte na vida que levamos todos os dias. Os personagens de tais romances tornam-se-nos tão reais como os nossos parentes, amigos ou inimigos; e ler torna-se-nos conviver com outra gente, viver outras aventuras, ter outras profissões, morar em outras casas, visitar outras cidades, etc. É claro», continua Régio, «que esta vida que anima tais romances não vem só da extensão deles; mas também, e sobretudo, do génio dos romancistas. É claro que o valor literário duma obra oferece uma forma de prazer diferente. E é claro que eu falo, neste ponto, sob um ponto de vista muito pessoal. Quer-me parecer, porém, que o verdadeiro génio do romancista exige extensão, amplidão de proporções da obra, diversidade e variedade de personagens e enredos, etc. — e que, portanto, essas qualidades aumentam o poder de vida dum romance.»⁸⁵ Se os testemunhos do seu amor ao romance abundam, não são menos os do seu desapontamento com a fraca e inadequada reacção da crítica. Sobretudo pelo que se refere à longa soma romanesca, *A Velha Casa*, para a qual o autor julgou um dia achar uma boa fórmula definidora: «*Uma meditação romanceada sobre a condição humana.*»⁸⁶ No *Diário*, com

⁸⁵ Carta de Vila do Conde, de 8 de Outubro de 1936, in *Correspondência*, p. 97.

⁸⁶ *Páginas do Diário Íntimo*, p. 332.

data de 12 de Novembro de 1957, podemos ler por exemplo: «Trabalho com ardor n'As *Monstruosidades Vulgares*, 4.º volume de *A Velha Casa*. A respeito dos meus romances poderia dizer pouco mais ou menos o que digo a respeito das peças. Nem o Óscar Lopes, numa entrevista recente, (ele que, no seu estudo, valorizou as minhas obras de criação romanesca) se lembrou de citar o meu nome entre os dos ficcionistas portugueses contemporâneos! Isto depois de eu ter publicado *Jogo da Cabra Cega*, *O Príncipe com Orelhas de Burro*, *Davam Grandes Passeios aos Domingos...*, *Histórias de Mulheres*, *Uma Gota de Sangue*, *As Raízes do Futuro*, *Os Avisos do Destino...*»⁸⁷ O desapontamento, porém, não o impede de continuar. Régio foi sempre um resistente, um lutador obstinado, capaz de vencer, com galhardia, eventuais inclinações depressivas. Na mesma página do *Diário*, acrescenta logo a seguir ao desabafo acima citado: «Sim, estas coisas enervam-me. Porém, talvez, (talvez... oxalá que sim!) numa camada superficial da minha personalidade. No fundo, fundo, sei que a injustiça e o *insucesso* não me impedem de escrever, — escrevo muito para mim — e me prendem à minha própria originalidade. Despreocupado de (conformado com) agradar e vencer imediatamente, melhor me entrego às minhas próprias singularidades criadoras.»

Este seu desapontamento levá-lo-á, em 1955, a escrever ao responsável pelo suplemento «Cultura e Arte»

⁸⁷ *Idem*, p. 319.

de *O Comércio do Porto*, Costa Barreto, indicando a sua categórica recusa em colaborar numa ou mais edições do mesmo suplemento dedicadas à «Ficção Portuguesa em Prosa». Em tom firme, Régio declina o convite: «Peço-lhe me desculpe, mas resolvi não colaborar nos números que Você destina ao Romance Português. [...] Essas páginas consagradas (*consagradas!*...) a dar ao público um panorama sintético dum determinado género literário — têm de ser organizadas e superiormente colaboradas dentro dum espírito crítico e moral, alheio a simpatias, ou antipatias de indivíduo ou grupo. [...] Não tenho confiança nessa página que Você, na melhor das intenções, pretende dedicar ao Romance Português..., para virem dizer os seus colaboradores que Romance português é coisa que não há.»⁸⁸

Apesar disto, talvez, por causa, também, desta sua vocação para a luta, o cansaço começa a tomar conta de si. A morte da mãe, em 1946, e a do pai, em 1957, são dois golpes rudes. Sobretudo a da mãe, que o põe num estado de inconformação com tudo, com a injustiça dos fados, ou dos deuses, ou de um Deus... em que não acredita. «A infância é o reino onde ninguém morre», disse Edna Vincent Millay. Com a morte da mãe e do pai, Régio abandonava definitivamente o lastro de uma infância atormentada mas feliz — de que nunca totalmente saíra.

⁸⁸ *Idem*, pp. 285-286.

Outro grande desgosto que muito o abateu («o maior desgosto depois da morte da minha Mãe» ⁸⁹) foi o rompimento doloroso com um dos seus maiores amigos, José Marinho (1952).

Com a passagem dos anos, o envelhecer e a ideia da morte tornam-se realidades dolorosamente vigentes ou próximas: «E, embora através de alternativas e distrações, a ideia da morte próxima continua a perseguir-me: vive profundamente em mim, venha, ou não, continuamente à superfície. E envelheço. Aceitaria conformadamente a ideia de envelhecer, (envelhecer com lucidez ensina tantas coisas! faz-nos aprofundar tantas!) se me não vexasse a velhice física. Ando atormentado porque vou ficando sem dentes; ou vou ficar breve. A potência sexual resiste, embora os *ataques* sejam menos frequentes; e, sobretudo, como tantas outras coisas em mim, incluindo a inspiração poética, depende de variações meteorológicas.» ⁹⁰

Para desfrutar de maior disponibilidade de tempo para a obra que ainda pretende escrever e publicar, Régio resolve-se finalmente a pedir a reforma, que lhe é concedida e publicada no *Diário do Governo*, 2.^a série, n.º 48, de 26 de Fevereiro de 1962. A partir deste momento, passará a viver alternadamente em Vila do Conde e em Portalegre. A Câmara desta última cidade adquirira a casa em que o escritor residira, com todo o seu recheio, ficando Régio

⁸⁹ *Idem*, p. 195.

⁹⁰ *Idem*, p. 318. Régio tinha, nesta altura, 56 anos.

com o seu usufruto, em vida, e uma pequena mensalidade. Portalegre tornara-se um dos seus dois lares, se é verdade, como diz um provérbio, que o nosso lar é onde reside o nosso coração. Ali sofrera, ali escrevera, ali aprofundara o conhecimento de si próprio e dos outros. Esse conhecimento lhe alimentara a escrita e a escrita ajudara-o, por outro lado, a conhecer-se melhor: «O que há de grande no escrever: deixa-te ficar nisso... e acabarás por ensinar a ti próprio algo de muito importante acerca de ti», dizia o romancista americano Bernard Malamud. «Conhece-te a ti próprio» foi sempre um lema que Régio procurou seguir e não apenas para efeitos de produção. Numa carta de 1941, dirigida a Casais Monteiro, observava já, com a argúcia psicológica que o caracterizava: «Sempre pensei que o conhecimento de nós próprios é um bom amigo que de nós próprios nos defende: Mesmo quando nos não impeça de cair no erro, faz-nos reconhecer depois (ao menos perante nós próprios) esse mesmo erro e assim nos obriga ou a remediá-lo ou a evitá-lo de futuro.»⁹¹

Durante os poucos anos que irá viver, após a reforma, Régio não fica parado. Recolhe alguns dos seus mais notáveis ensaios (sobre Camões, Camilo, Florbela e Sá-Carneiro) no volume a que dá o título de *Ensaio de Interpretação Crítica* (1964), publica, em 1966, o 5.º volume de *A Velha Casa* e dá começo, em 11 de Setembro de 1967, à redacção do 6.º volume, que ficará

⁹¹ Carta de Portalegre, de 22 de Abril de 1941, in *Correspondência*, p. 158.

incompleto. Em conversa com o autor deste livro e em carta a Flávio Gonçalves ⁹², datada de 29 de Novembro de 1967, Régio afirmaria ir ainda haver um 7.º volume daquela vasta soma romanesca, o que realmente não chegou a acontecer, por motivo da sua morte em Dezembro de 1969.

Em Novembro de 1966, dá entrada no Sanatório do Lumiar, em Lisboa, queixando-se de vários males, entre os quais lhe foi diagnosticada uma afecção pulmonar. A entrada neste estabelecimento salda-se por um tremendo trauma que o leva à beira do suicídio. A doença ou, pelo menos, certos estados doentios (cefaleias constantes, por exemplo) não eram de si desconhecidos. Digamos que lhe terão, de algum modo, sido factores propiciatórios de criação. Virginia Woolf notava que a doença nos propicia «undiscovered countries» do espírito e do corpo e Régio não relutaria em dar-lhe razão. Fazendo um bom uso das doenças, segundo o preceito de Pascal, a longa estadia no Lumiar aprofunda-lhe o convívio com amigos antigos que o visitam e descobre-lhe novas e preciosas amizades. Habitando-se à fruição de concertos e teatros, amacia um pouco a sua resistência às «superficialidades» dispersivas da capital e pensa em aí arranjar um quarto ou pequeno apartamento que lhe permita visitas mais frequentes. Regressa a Vila do Conde em Março de 1967, remete-se ao trabalho e dá à luz, ainda esse ano, o volume *Três*

⁹² *José Régio e Flávio Gonçalves — Os Caminhos de Uma Amizade — Correspondência*, Póvoa de Varzim, 1989, p. 301.

Ensaaios sobre Arte, que inclui o notabilíssimo *Em Torno da Expressão Artística*, primeiro editado em 1940.

Em 1968, dá à luz o último livro de poesias que publicará em vida: *Cântico Suspenso*. O livro surpreende-o um pouco a si próprio e não escondeu de alguns amigos a curiosidade (quase ansiosa) que sentia na sua (deles) reacção. A crítica, vinda de sectores mais jovens, foi injustamente arrasadora. Um ou outro amigo saiu, sem grande efeito, em sua defesa. O velho combatente resistia, possivelmente desapontado, provavelmente ferido: pusera nos poemas, achava ele, alguma energia inovadora, talvez de difícil apreensão para críticos antecipadamente pouco sintonizados.

Durante os últimos anos de vida, em Vila do Conde, escrevendo e meditando, no Diana Bar, da Póvoa de Varzim, Régio entrega-se a alguma actividade polémica (a que nunca foi avesso, apesar de afirmações em contrário que já têm feito os menos informados...), redige — à maneira de resposta ou reacção aos que, n'*O Tempo e o Modo*, se haviam «esquecido» dele, a propósito de um inquérito sobre o problema de Deus — a sua longamente concebida *Confissão Dum Homem Religioso* e dá início à redacção dos primeiros capítulos do 6.º volume de *A Velha Casa*. Na realidade, *A Velha Casa* vai ser «prejudicada» pela *Confissão* que, arrastada no ventre durante tantos anos, se lhe impõe agora, à aproximação do fim. Vila do Conde, 5 de Fevereiro de 1969: «Trabalho actualmente no sexto volume da interminável *Casa*... Mas este ainda está para esperar. Intrometeu-se a *Confissão Dum Homem Religioso*,

que de momento atirou a dita Casa para o lado, e o que eu desejaria agora era entregar-me todo à *Confissão*. Não sei bem o que venha a ser para os *outros* semelhante livro, pelo menos será um livro único na Literatura Portuguesa.»⁹³ E acrescentava nesta mesma carta: «Preciso de certa coragem para o vir a publicar, porque desce a particularidades de análise um tanto penosas, mas sai-me com uma facilidade espantosa. Que diabo! Andava a ser feito dentro de mim há tantos anos!»⁹⁴ Régio não viria a ter necessidade de coragem para o publicar, porque ficaria incompleto, embora quase pronto. Pouco lhe restava viver embora, entretanto, com alguma surpresa sua, lhe «viessem» algumas poesias que Alberto de Serpa, seu fiel amigo de sempre, recolheria depois, no volume póstumo intitulado *Música Ligeira*⁹⁵.

No ano da sua morte — 1969 — ainda vai a Portalegre por motivo de obras na sua Casa-Museu, toma parte nas acções relativas à campanha eleitoral para a eleição de deputados (que teria lugar em Outubro), polémica, com vigor, a propósito do filme *Bonnie and Clyde*... Em carta de Fevereiro deste ano, dirigida ao autor deste livro, Régio comentava os ataques de que, por então, se via alvo: «No fim e ao cabo, nunca o meu nome e o meu retrato andaram tanto nos jornais, e tudo isso redundava em reclame, e por mais ultrapassado que me queiram continuo 'imperti-

⁹³ Carta a Eugénio Lisboa, in *José Régio — A Obra e o Homem*, Lisboa, 1977, p. 151.

⁹⁴ *Idem*.

⁹⁵ José Régio, *Música Ligeira*, Porto, 1970.

nentemente sobrevivente'... Oh céus! Que tempos estes! Torna-se difícil dirigir a gente o seu frágil barco nestas águas turvas e agitadas.»⁹⁶ Diga-se de passagem que esta dificuldade de condução não deixava de o atrair. A luta, o prélio, o esforço, a dificuldade sempre tinham sido componentes privilegiadas do seu percurso.

Ao fim da tarde do dia 9 de Outubro de 1969, Régio, de regresso a Vila do Conde, vindo do Porto, é acometido por um enfarte violentíssimo, de que viria a falecer na madrugada de 22 de Dezembro, com serenidade e resignação. Partia cantando:

*Parto mas cantando. Meu mundo inimigo
Mesmo que me expulses, ficarei contigo.*⁹⁷

*

Todo o percurso literário do autor de *Mas Deus É Grande* parece ser a confirmação obstinada da afirmação de Delacroix: «Aquilo que instiga os homens de génio, ou antes, que lhes inspira a obra, é não tanto a preocupação com ideias novas, mas antes a sua obsessão com a ideia de que aquilo que já foi dito ainda o não foi suficientemente.» Toda a obra de Régio, rica, longa, profunda e obstinadamente prosseguida, na sua variedade de géneros

⁹⁶ Carta de Vila do Conde, de 5 de Fevereiro de 1969. Transcrita em *José Régio — A Obra e o Homem*, p. 151.

⁹⁷ José Régio, *Música Ligeira*, p. 81.

e de modos, se nos apresenta como um gradativo aprofundar (que envolve afirmação, contradição, inesperada e irónica revelação, suspeita, desconfiança, provocação) de um número reduzido de tópicos, temas, obsessões que o autor encena em palcos e com personagens diversos mas devorados, todos, por uma fome semelhante: saberem ou procurarem saber, no fim de uma luta patética e frequentemente trágica, ficar bem consigo próprios, com os outros e com algo que os transcenda — poderem, por fim, deitar fora o lastro que lhes pesa e os sufoca e os corrompe, e encontrar a leveza de uma perfeição e simplicidade, nem que ao preço da própria vida.

A obra de Régio, quando nela se fala, é invariavelmente vista ou tida quase exclusivamente como a do poeta que ele eminentemente foi. Mas isto seria injusto, não só porque o volume da sua restante intervenção literária (ficção longa e curta, teatro, memorialismo, ensaio e crítica, epistolografia) ocupa um volume consideravelmente superior ao da poesia, como pelo facto de o autor sempre se ter a si próprio visto — e com razões críticas de peso — como ficcionista e dramaturgo, com estatuto de originalidade, empenho e fulgor pelo menos equiparáveis aos que a poesia revela. Na realidade, pouca gente se deu ao trabalho de ler a ficção de Régio — esse intrigante, empolgante, profundo e ameaçador *Jogo da Cabra Cega*, as admiráveis e ironicamente pungentes *Histórias de Mulheres*, o poético e perturbante percurso até à perfeição de *O Príncipe com Orelhas de Burro* ou mesmo as significativas e não raro atrevidas e inquietantes ficções

do *Há Mais Mundos* — com aquela atenção meticulosa que o seu autor tão continuamente implorou e afinal quase nunca chegou a conseguir. Pelo que respeita ao teatro, já algures notámos que Régio «gostava de afirmar que o seu teatro era a parte mais original da sua obra, e sempre sofreu, discreta mas profundamente, com a relativamente pouca atenção dada pelos nossos produtores teatrais aos seus textos dramáticos». ⁹⁸ De resto, uma leitura atenta da obra de Régio não poderá deixar de permitir diagnosticar a interferência profunda — e, às vezes, até indiscreta — dos dotes do ficcionista e do dramaturgo no território da poesia. Observámos já, algures, o seguinte que, hoje, mais do que então, nos parece pertinente: «As dificuldades entre a crítica e a obra de Régio, quanto mais se pensa no assunto, mais parecem, quanto a mim, derivar, finalmente, do facto de que este autor foi efectivamente muito mal lido. Muito se tem *falado* dele, mas não se faz, a maior parte das vezes, com notabilíssimas excepções, mais do que repetir estafados lugares-comuns oriundos de uma leitura desatenta. Por outro lado, tenta-se diminuí-lo, a partir de pressupostos críticos que nenhum conhecimento elementar da história literária permite levar a sério.» ⁹⁹ A desatenção até certo ponto dada ao teatro do autor de *Benilde* ou as obstruções levantadas — até pelo Estado — à produção teatral dos seus textos dramáticos levavam-no a lamentar-se constantemente, aos amigos ou na intimidade do seu

⁹⁸ E. Lisboa, *José Régio ou a Confissão Relutante*, p. 44.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 45.

Diário, da «incompreensão» que o rodeava e sufocava: «Ninguém parece crer que as minhas obras de teatro são *inspiradas*, me saem como saem, e, perante elas ou o Demónio que me vai guiando ao fazê-las, ou já ao ideá-las, nada posso senão *obedecer*. Ninguém parece ter justa noção de quanto o espectacular e o dialéctico são intrínsecos, necessários, ao meu Teatro; pelo menos, a uma parte de ele. Tenho momentos de grande desânimo. Então a crítica é isto?! No fim de contas, que fazem os críticos senão discutir com os criadores?»¹⁰⁰ Régio passaria a vida a recalcitrar contra os críticos que, em vez de tentarem compreender o projecto implícito nas obras que analisavam, verificando, depois, se tal projecto estava realizado com eficácia, passavam, pelo contrário, o tempo a discutir o próprio projecto, concebido, afinal, em função da natureza profunda do criador. A este respeito, Régio teria aprovado, com gratidão e alívio, estas palavras de Goethe: «As obras de arte genuínas trazem a sua própria teoria estética implícita dentro delas e sugerem os padrões por que devem ser julgadas.» Em lugar de questionarem infrutiferamente a aliança da teatralidade da palavra com a espectacularidade do cenário e da música (visto ser esse o teatro que Régio *queria fazer*), a crítica resultaria mais fecunda e mais *inteligente* se partisse da aceitação — inevitável! — dessa premissa.

Retomando, no palco, com ironia gradativamente crescente, os temas dilacerantes e obsessivos de toda a sua

¹⁰⁰ *Páginas do Diário Íntimo*, pp. 157-158.

obra (a morte e ressurreição — com valor simbólico —, a auto-superação conducente a uma perfeição só alcançável no limite, o sofrimento como valor insigne e produtor de criatividade, a luta-agonia inerente a todo o convívio, o valor da «simplificação» e da simplicidade, o bem como tentação — mais, até, do que o mal —, a luta entre o material e o espiritual, etc.), Régio concebia, para si, o teatro, como uma síntese em que, com a palavra, «se conjugam a música e a dança, os efeitos de luz e a pintura, a arquitectura cenográfica, a pura declamação e outros recursos não literários — na expressão de personalidades que a mera expressão literária parece não satisfazer» ¹⁰¹.

Ao crítico e ao ensaísta, isto é, aos méritos insignes de uma aliança singularmente bem resolvida entre uma sensibilidade requintada e uma penetrante inteligência — não têm, em geral, sido regateados encómios merecidos. Falando de Antero, Régio sublinhava, no artista dos *Sonetos*, uma característica que também lhe era própria: «Pela intervenção da inteligência lá onde os mais dos poetas portugueses quase só fazem intervir a imaginação e a sensibilidade, é Antero um poeta-filósofo no mais justo sentido da expressão. Dessa intervenção da inteligência nos recessos da sensibilidade resulta aquela ironia transcendente de que falava Oliveira Martins.» ¹⁰² De resto, desta aliança feliz entre sensibilidade e inteligência, fecunda, em

¹⁰¹ Prefácio a *El-Rei Sebastião*, Coimbra, 1949, p. XIII.

¹⁰² «Antero», in *A Rabeca*, n.º 1221, de 18 de Abril de 1942. Texto depois recolhido in *Escritos de Portalegre*, Portalegre, 1984.

Régio como em Antero, dão eminente testemunho não apenas os seus textos de ensaio e crítica mas também os de criação, em sentido corrente (porque um ensaio pode ser um grande texto de criação...). Isto mesmo lhe dizia, em carta, António Sérgio, agradecendo *As Encruzilhadas de Deus*, um dos mais notáveis livros de poesia do cânone regiano: «Em cada uma das páginas das suas poesias», observava o autor dos *Ensaio*s, «direi que em cada verso — se sente a actuação de uma inteligência crítica.»¹⁰³ E acrescentava, quase com acinte dirigido aos «inocentes»: «Nas incompatibilidades [entre sensibilidade e inteligência] e compartimentos estanques só podem acreditar os cérebros medíocres.»¹⁰⁴ «Ligando» — com fundamento — o exercício da inteligência ao gosto do rigor ou da perfeição formal, Sérgio nota, com eloquência, na mesma carta: «Os tão odiados rigores formais redundam num peso que esmaga os fracos; para os fortes, pelo contrário, são um excitante da inspiração, e obrigam o escritor, muitas vezes, a achar o mais rigoroso e original. Demonstra ainda uma outra coisa: que não há incompatibilidade alguma entre a inspiração e o sentimento, por um lado, e, por outro, o senso crítico, — *para os verdadeiros artistas.*» Profundamente inteligente, Régio, mesmo reconhecendo — como o fez com Antero — a colaboração fecunda da inteligência com a sensibilidade, reivindicava contudo, para si, — e de modo quase polémico — o primado das forças obscuras

¹⁰³ José Régio/António Sérgio: *Correspondência...*, p. 42.

¹⁰⁴ *Idem.*

da sua sensibilidade e do seu instinto. No *Diário*, nota, por exemplo, com data de 7 de Dezembro de 1950: «Muita gente me tem por mais inteligente que sensível; (com mais *talento* do que *génio* — dizem alguns pretendendo dizer o mesmo). Ora eu tenho, talvez, uma faculdade dialéctica não vulgar; talvez um não comum poder de discursividade e relação de ideias; talvez! No entanto, várias vezes tenho sentido — nos campos a que não chega a minha sensibilidade — que não sou tão inteligente como supõem... Apesar de acima do vulgar, não é a minha inteligência que é verdadeiramente excepcional: O que é verdadeiramente excepcional é a minha sensibilidade. É através desta que eu entendo. Felizmente que a minha sensibilidade é não só intensa e profunda, como suficientemente rica: Senão, eu entenderia pouco...»¹⁰⁵ Atribuindo, no sector da ficção, do teatro, da poesia e até do ensaio, um papel importante mas secundário à inteligência crítica (e teria razão para o fazer?), a verdade é que Régio se entregava, no ensaio e na crítica, aos prazeres (ainda que não admitidos) de uma intuição e de uma sensibilidade que descaradamente se deixavam fecundar por uma inteligência altamente estimulada. Cauteloso, ansioso por *verificar*, com cuidado, qualquer hipótese que audaciosamente avançasse, científico quase até ao exagero, corajoso até à impopularidade que o espreitava e não raro o atingiu, dotado de um poder especulativo intrépido mas rigorosamente vigiado, Régio, falando de Camões, Camilo, Fernando Pessoa, Sá-Carneiro,

¹⁰⁵ *Páginas do Diário Íntimo*, pp. 175-176.

Garrett, Cesário, António Nobre, Junqueiro, António Patrício, Florbela ou Reinaldo Ferreira, ou simplesmente do conceito de «expressão artística», dá testemunho de uma das mais excepcionais organizações de crítico e de ensaísta de que poderá gloriar-se a Literatura Portuguesa. E é esta inteligência crítica, este rigor, esta *prudência*, esta capacidade de a razão dominar — sem os sufocar — os desvarios do homem subterrâneo — o controle da desordem pela ordem —, este domínio altaneiro do caos, que se reflecte no jogo ambíguo e fecundo entre o novo e o tradicional, entre uma matéria efervescente de tumulto e audácia e um protocolo firme que presta frequentemente vassalagem à rima e ao metro — é tudo isto que torna Régio e a sua poesia um desafio, uma provocação intolerável, para tantos que vêem, no moderno, apenas o não organizado, o «vers libre», o desarrumado. Dizia Cocteau que «abandonar a rima e as regras fixas a favor de outras regras intuitivas traz-nos de volta às regras fixas e à rima com respeito renovado». Régio, mas também Pessoa, mas também muitos dos modernos — e melhores — poetas ingleses e americanos estão de acordo com o aforismo de Cocteau. Quis ver-se, no primeiro modernismo, uma ruptura radical com a tradição — o «velho» — e, no segundo modernismo, um reatar «reaccionário» com algum passado. «True revolutions in art», disse Louise Brogan, «restore more than they destroy.» O segundo modernismo sabia isso. E o primeiro, apesar de todo o estardalhaço, também. Pessoa que o diga...

Foi este inequívoco deixar fecundar os seus demónios novos e perturbantes por um protocolo artístico, em muitos

casos, vindo de longe, que deu a críticos mal informados e pouco perceptivos a tentativa de atribuírem a Régio o papel de Castilho, na célebre contenda com Antero. Com duas assinaláveis diferenças: primeiro, no prélio oitocentista, Castilho era o mais velho e, no caso *presença* versus *Orpheu*, Régio era o mais novo; segundo, Pessoa, ao contrário de Antero, nunca viu, nem em Régio, nem na *presença*, uma *travagem*, mas sim uma... *continuação*. A este propósito, ficará bem transcrever aqui uma saborosa passagem de uma carta dirigida por António Sérgio ao autor de *Benilde*: «Todo jovem, em Portugal, sonha em encontrar na geração anterior um bom Castilho, de que ele próprio será o Antero. Vários jovens pacatíssimos da sua geração, meu caro Régio, sonharam em achar em mim o seu Castilho; não me admirarei de que alguns da geração novíssima estejam idealizando topar o seu Castilho no meu caríssimo José Régio.»¹⁰⁶ Sérgio aludia aqui, obviamente, no caso de Régio, aos seus opositores que vieram depois: os neo-realistas e seus apoiantes (embora outros, depois dos neo-realistas, tenham praticado um exercício idêntico). A alguns destes — que não a todos, honra lhes seja! — poderiam aplicar-se as palavras de Sérgio, de uma outra passagem da mesma carta: «Sei de rapazinhos pacatíssimos que, por lerem autores revolucionários, se julgam fazedores de revoluções, e se apresentam como revolucionários em relação a mim, que já exprimia ideias de revolução social um pouco antes de eles terem nascido, e que nunca os vi

¹⁰⁶ José Régio/António Sérgio: *Correspondência...*, p. 67.

nos momentos e nos sítios em que se arrisca o bem-estar, a comodidade, a pacatez da existência que alguns temem mais do que arriscar a vida.» Sérgio referia-se aqui a «revolução social» mas as suas palavras são extensíveis, sem erro sensível, a outras áreas do discurso humano... E fica por saber se o mérito de Castilho foi devidamente investigado por tantos que dele se servem como de um bonzo útil, em momento de necessidade...

*

Uma das mais repetidas e insistentes reservas que se tem feito sobretudo à poesia de Régio, mas também a algum do seu teatro, tem que ver com o mal entendido conceito de «retórica». Confunde-se, em geral, retórica com eloquência exagerada, com discursividade excessiva e excessivamente declamatória. Por outro lado, a partir de certa altura, inaugurou-se o culto exclusivo do «despojado», da palavra rara e avara, como se toda a poesia devesse confinar-se a esse particular protocolo. Há todo um concebível estudo inteligente e até estimulante daquilo a que poderia chamar-se a retórica do silêncio, na qual caberiam eminentes poetas e prosadores do presente e do passado (ver, por exemplo, *Language and Silence*, de George Steiner); do mesmo modo que pode idealizar-se o estudo de uma retórica da poesia mais discursiva ou declamatória ou caudalosa, na qual iriam inserir-se poetas igualmente eminentes do presente e do passado. Pretender confinar toda a poesia válida, de hoje, num só desses

protocolos releva de espíritos de um fundamentalismo estreito. Pelo que diz respeito ao dogma exclusivista da poesia rarefeita, já tivemos ocasião de citar um texto saboroso de Lêdo Ivo ¹⁰⁷. Num artigo dedicado a «Junqueiro e a Retórica», o autor de *Fado* faz uma eloquente defesa da retórica bem entendida, de «algum» Junqueiro e... de si próprio. «Quando, a propósito de Junqueiro, se fala em retórica», nota Régio, «é sempre no significado depreciativo atribuído ao termo. Ora bem. Aqui principia a nossa questão. Nenhum significado depreciativo implica em si o termo *retórica*. Retóricos são todos os literatos, pois é da sua arte sê-lo. Grandes retóricos são todos os poetas: Camões ou Bocage, por exemplo, Teixeira de Pascoaes ou Fernando Pessoa. O que sucede é variarem muito as suas formas de retórica. E, ao passo que em certos poetas assume a retórica uma tonalidade oratória ou declamatória, noutros se manifesta sob formas antes gongorizantes. Num mesmo poeta — como, por exemplo, Fernando Pessoa», observa Régio, com alguma perfídia irresponsável, «se nos evidenciam, por vezes, as duas principais modalidades retóricas: pois a retórica das *Odes* de Ricardo Reis é gongorizante, e a das *Odes* de Álvaro de Campos declamatória.» ¹⁰⁸ Régio percebe bem o que se pretende diminuir em certos poetas, ao dizer-se deles que são «retóricos»: fazer-se uma denúncia daquilo a que ele

¹⁰⁷ In *José Régio ou a Confissão Relutante*, pp. 46-47.

¹⁰⁸ «Junqueiro e a Retórica», in *Crítica e Ensaio* — 2, Lisboa, 1944, pp. 139-140.

próprio define como «uma deficiência de conteúdo em relação à forma; ou uma amplificação da forma não adequada a uma relativa mediocridade do conteúdo.» ¹⁰⁹ Voltando aos conceitos de retórica acima assinalados, Régio observa ainda: «Se, como vimos, pode a retórica ser predominantemente gongorizante ou predominantemente oratória, no geral se esquece aquela sua primeira modalidade. Tanto assim que, por certo, muito surpreendidos, ou até indignados, ficarão vários admiradores de Fernando Pessoa, — em se lhes declarando que são retóricas (duma retórica gongorizante) as *Odes* de Ricardo Reis e muitas poesias do Fernando Pessoa assinado ele mesmo. Será, então, numa retórica predominantemente oratória que se pensa, quando, por exemplo, num significado depreciativo se aplica o termo a grande parte da poesia de Junqueiro. Ao mesmo tempo se atribui em tal caso os sentidos concomitantes de grandiloquência e ênfase mais ou menos vãs, prolixidade inútil, inclinação formalista exercendo-se como no vácuo por gosto de si própria.» ¹¹⁰ Régio «salva», assim, tanto a retórica gongorizante de um Ricardo Reis, como a declamatória de Álvaro de Campos ou do melhor Junqueiro. Não é o declamatório, *em si*, que se deve denunciar, mas tão-só o declamatório vazio de conteúdo ou carecendo de conteúdo suficiente em relação aos exageros da forma. Mesmo nos seus momentos mais exteriormente dramáticos ou gesticulantes, seria injusto ou

¹⁰⁹ *Idem*, p. 140.

¹¹⁰ *Idem*.

simplesmente pouco crítico falar, em Régio, como no Junqueiro das mais excelsas passagens, em «deficiência de conteúdo em relação à forma». Mas não é suficiente ficarmo-nos por aqui. Régio, efectivamente, evoluiu com os anos, de uma riqueza declamatória e sonora para uma expressão mais sóbria, mais contensa, mais «banal» ou clássica. Correspondeu isto a um *querer* profundo aliado a um gosto de raiz, ligado, porventura, a um ascetismo de natureza mística — pendor que lhe afectou a poesia, o teatro e a ficção. Numa carta de 1948, dirigida a Álvaro Salema, di-lo com grande clareza: «Acerca d'*As Raízes do Futuro*, como de grande parte das *Histórias de Mulheres*, ou de *Benilde*, ou de *Mas Deus É Grande*, — queria fazer-lhe, permita-me que lhe faça, esta observação que submeto ao seu critério: creio que a minha arte (sofra-me esta expressão pedante) evolucionou num sentido de maior simplicidade. Creio que não são obras, as citadas, do mesmo estilo ou maneira do *Jogo da Cabra Cega*, d'*O Príncipe com Orelhas de Burro*, do *Jacob e o Anjo* ou d'*As Encruzilhadas de Deus*. Por um imperativo espontâneo e profundo, procuro, hoje, sobretudo a densidade na simplicidade, (porventura, até, às vezes, na banalidade aparente) e a verdade humana ou poética na observação subtil ou na fantasia contensa. Em suma..., procuro não abusar de certos efeitos ou dons que já sei não me serem muito difíceis. Suponho que estará isto relacionado com quaisquer minhas tendências ascéticas ou místicas. É assim que, por exemplo, não julgo que haja menos riqueza ou profundidade na *Benilde* do que no *Jacob e o Anjo*, embora

sinta que *Jacob e o Anjo* é a peça mais empolgante, mais livre ou fecunda em certo sentido, e mais imponente; como não julgo que haja menos verdade humana n'*O Vestido Cor de Fogo* ou na *Pequena Comédia (Histórias de Mulheres)* do que n'*O Príncipe*.» ¹¹¹

Todas as características acima indicadas foram dando a Régio um rosto gradativamente mais rico, mais denso, mais austero mas também mais plurifacetado, mais complexo e mais difícil de ser «reduzido» a etiquetas como «moderno» ou «modernista» ou «do nosso tempo». Régio foi sempre uma grande e original personalidade intrigante, provocante e dificilmente catalogável. Falando de Hemingway, já no período dos desentendimentos, Gertrude Stein julgava poder diminuí-lo, dizendo: «Ele tem o ar de um moderno, mas cheira a museu que tomba.» ¹¹² Comentando este dito verrinoso, Maurois observa tratar-se, afinal, de um cumprimento involuntário, porquanto «um grande autor, fosse ele moderno, se liga sempre a uma tradição» ¹¹³. De resto, em relação ao «moderno», Régio meditou longamente sobre o significado e valor deste conceito, ao ponto de não hesitar em perguntar: «será o *moderno* um valor em si? [...] quais os limites do *moderno*?» E respondia: «Quanto à primeira questão: torna-se evidente que o moderno de ontem é hoje velho

¹¹¹ Carta de Portalegre, de 2 de Agosto de 1948, in *Correspondência*, p. 213.

¹¹² Cit. por André Maurois in «Ernest Hemingway», in *Robert et Elizabeth Browning — Portraits suivis de quelques autres*, Grasset, Paris, 1955, p. 194.

¹¹³ *Idem*.

ou, para usar um termo em voga, foi ultrapassado. E que o moderno de hoje será antigo ou ultrapassado amanhã. Assim, o valor de moderno que tinha o moderno de ontem — deixou de existir. Como breve (demasiado breve, ai de nós!) deixará de existir o valor de moderno que tem o moderno de hoje.»¹¹⁴ E, visto isso, perguntava: «Que valor resistirá ao tempo, nas obras modernas de ontem, de hoje, de amanhã?» Logo acrescentava, respondendo: «Aquele que, precisamente, menos depender do tempo; aquele que não puder ser *ultrapassado*, aquele que mais fundamente se relacionar com o mais humano do homem; aquele, em suma, que mais verdadeiramente enraizar na originalidade ou personalidade própria do criador.»¹¹⁵ Resumindo: «o moderno não é um valor senão provisório; senão efêmero. Coisa do tempo, foge com o tempo: é devorado pelo devorador dos próprios filhos. As obras que em tal valor principalmente se baseiam — principalmente ficarão como documentos históricos.»¹¹⁶ Ou, como dizia Wilde, «só o moderno fica fora de moda»¹¹⁷. A obra de Régio, dissemo-lo já, «insere-se, pois, numa concepção de moderno, não fanática, e aceita, como vimos, uma ideia de originalidade irremediavelmente chumbada à noção de sinceridade [...]»¹¹⁸. Sinceridade que se aplica, intensa, na

¹¹⁴ *Crítica e Ensaio* — 2, p. 43.

¹¹⁵ *Idem*.

¹¹⁶ *Idem*, p. 44.

¹¹⁷ O. Wilde, «The Decay of Lying», in *Intentions*, 1891.

¹¹⁸ *José Régio ou a Confissão Relutante*, p. 48.

longa confissão não totalmente egotista (não fundamentalmente egotista), não autista, que é o tecido vital de toda a sua obra, na diversidade dos géneros em que se nos abriu. Confissão profundamente *necessitada*, mas de tónus moral (e exemplar) inequívoco. A confissão tem sempre adversários, quase invariavelmente pérfidos. «Quem se acusa excusa-se», dizia Christopher Ricks. Mas o prolongado e dilacerante discurso regiano procura também — e sobretudo — algo bem diferente de uma simples desculpa. E a gravidade — e audácia — das feridas que nos abre e das munições acusatórias que nos entrega com candura traçada de provocação afastam folgadoamente a hipótese de uma simples busca de absolvição. «A confissão dos nossos erros», dizia Publius Syrus, «é a coisa mais próxima da inocência.» Contudo, em Régio, a «inocência» — pelo que tinha de atrevido e mesmo de provocatório — foi, como é de regra, nestes casos, mal entendida pelos abundantes adversários do poeta de *Biografia*. Com a sua excepcional penetração de psicólogo e observador dos turvos labirintos humanos, Nietzsche notava já que «nos esquecemos dos nossos pecados quando os confessamos aos outros, mas os outros, por norma, não os esquecem.» Auto-satirizando um seu complexo e complicado «narcisismo» — que era bem mais um veículo do que um término —, Régio entregava ao inimigo, numa espécie de autopunição exemplar e tortuosamente buscada, armas que este não se privaria de variamente utilizar. Como o *Príncipe com Orelhas de Burro*, Régio quis «fazer uma confissão e dar um exemplo» ou, melhor, quis, com a sua

confissão, dar um exemplo: de verdade, de auto-sacrifício, de transparência. Tudo começa ou deve começar na perfeição que cada indivíduo em si busca. Mas não apenas: através de um melhor conhecimento de si, o autor de *Poemas de Deus e do Diabo* buscava alcançar os outros. Há, no longo e turbulento percurso de Régio, um gradativo cansaço do *eu* e um progressivo procurar *os outros*. Citámos algures, a propósito deste complexo e delicado problema do «eu», o que a ensaísta americana Susan Sontag disse da obra de Barthes: ser esta «uma empresa de auto-descrição»¹¹⁹. Toda a obra de Régio é também isso mesmo: uma interminável, imponente, sedutora e inteligente empresa de autodescrição. Com uma importante qualificação: não se trata de uma autodescrição estritamente umbilicalista, como quis Cunhal e seus seguidores, mas, repito, de uma autodescrição *exemplar* — para proveito e exemplo —, um acto cívico, o início de um percurso novo, de um largar lastro nocivo, a partir desse autoconhecimento promotor. Confessando-se — sacrificando-se — *O Príncipe com Orelhas de Burro* perde, por fim, as suas orelhas (a sua imperfeição), apontando aos outros um percurso idêntico. Não se pode fundar um reino bom sobre fundações essencialmente podres. Régio usa, repito, a confissão, a análise do eu, como ponte para os outros: para os compreender — a *eles* — melhor, para os ajudar, para que, por seu intermédio, ascendam à sua (deles) perfeição.

¹¹⁹ José Régio ou a Confissão Relutante, p. 56.

Era nesse sentido, creio, que o grande crítico ensaísta e professor americano, Lionel Trilling, autor de livros seminais como *The Liberal Imagination* (1950) e *Beyond Culture: Essays on Literature and Learning* (1965), julgava poder afirmar: «The function of literature through all of its mutations has been to make us aware of the particularity of selves, and the high authority of the self in its quarrel with its society and its culture. Literature is in this sense subversive» («A função da literatura, através de todas as suas mutações, tem sido a de nos tornar conscientes da particularidade dos 'eus' e da alta autoridade do eu na sua luta com a sociedade e a sua cultura. A literatura é, neste sentido, subversiva»). Talvez tenha até sido este teor autêntica e profundamente «subversivo» da obra regiana um dos motivos de tanta resistência ou até ressentida hostilidade que lhe opuseram muitos dos seus contemporâneos: a subversão superficial e espalhafatosa incomoda menos do que a discreta e profunda.

Outra razão dessa hostilidade terá porventura residido no feitio cauteloso, interrogativo, não dogmático (mesmo quando eloquente e declarativo), minado de dúvidas, progressivamente aprofundante do discurso regiano: os dogmáticos — à direita e à esquerda — pressentem o perigo e não gostam. A este propósito, escrevia-lhe António Sérgio, em carta de 8 de Fevereiro de 1938: «O homem é por natureza dogmático, e 99 por cento dos intelectuais que se libertaram dos dogmas católicos pretendem impor-nos o dogma do materialismo-histórico, ou o do positivismo lógico, ou o do comunismo, ou o do anti-

catolicismo, etc., e quem não segue o dogma deles (que supõem a *última* e definitiva moda) ou é *atardado* ou *anti-humano*, ou coisa que o valha. Quanto ao que me respeita, dir-lhe-ei que a minha posição neste problema de se a arte deve ser social (ou, mais propriamente, se o artista deve ser político) é uma generalização daquela atitude em relação à crítica que apontou na p. 24 do seu livro [*Antônio Botto e o Amor*]: não só não subordino a arte à política, senão que, muito ao inverso, subordino a política à arte.»¹²⁰ E concluía, em termos que Régio — e quase toda a gente, hoje... — não rejeitaria: «O fim da política, para mim, é criar uma sociedade mais bela, e onde seja possível a todos viver o máximo tempo em atitude estética, em actividade desinteressada. Em vez de proclamar que só é humano o artista que se interessa pela política, direi que só é humano o político que se interessa pela arte, e que busca a realização de uma sociedade em que seja possível o máximo de arte.»¹²¹

Detentor de um discurso que hesita entre a confissão e o recuo (pudor, receio, dúvida, desafio, provocação), que parece entregar-se com intensidade e despudor, para logo insinuar que a procissão ainda vai no adro e o pior está para vir, Régio propõe-nos uma «aparente» franqueza que logo a seguir se nos furta, quando nos é sugerido ter a verdade outras faces e ser muito difícil e muito lento, senão impossível, abarcá-la em toda a sua complexidade e íntima

¹²⁰ José Régio/*Antônio Sérgio: Correspondência...*, p. 53.

¹²¹ *Idem*, pp. 53-54.

contradição. De Benjamin Constant escreveu Sainte-Beuve que «il avait coutume de dire, et par malheur aussi de croire, qu'une vérité n'est complète que quand on y a fait entrer le contraire». A confissão de Régio parece sempre oferecer-nos uma resposta e o seu contrário, perguntar sem responder ou responder sem responder.

Obra a um tempo variada e monótona, lúcida mas perturbada e perturbante, clara mas cheia de zonas obscuras, de alçapões, suspeitas e ironias, ela foi, naquele sentido de modernidade que importa, magistralmente caracterizada por Jacinto do Prado Coelho, já no ano longínquo de 1940, nestes termos: «José Régio é um poeta moderno autêntico — pela desordem psicológica, pelo hipercriticismo dos próprios instintos, pela originalidade rebuscada, pela sobriedade vincante dos conceitos atirados à cara do leitor, pelo encerramento num castelo inacessível, à maneira do Julião Sorel, de Stendhal, pelo arrojo e desencontro das formas. Mas o autor dos *Poemas de Deus e do Diabo* é mais qualquer coisa do que um poeta modernista. Exemplifica a *modernidade* que é *eternidade* e que não é lícito confundir com modernismo puro e simples. Se tal consegue, deve-o não só ao valor universal dos temas que bordeja, mas ainda à observância da disciplina indispensável ao artista. Na *Biografia*, Régio propõe-se, com êxito, restituir ao soneto o antigo prestígio, demonstrando quanto é vivaz e adequado à expressão da poesia contemporânea. Na forçada economia do soneto, José Régio logrou evidenciar qualidades de síntese, arranjo arquitectónico e impressividade vocabular que fazem dele

o mais artista dos modernos poetas portugueses, o mais resistente, portanto, às vassouradas do tempo.»¹²² Deixando de lado a «originalidade rebuscada» e o «encerramento num castelo inacessível», que pouco têm a ver com o autor de *Biografia*, fica ainda que baste para impressivamente identificar alguns valores insignes da obra e do percurso regianos. Numa carta a Jorge de Sena, reagindo ao discurso gongorizante e «difícil» do autor de *Metamorfoses*, Régio observava: «Quem tem um pensamento rico — e o Sena tem-no — pode bem procurar ser um bocadinho mais claro, que nada tem a perder.»¹²³ O seu pensamento rico, denso, envolvente e provocante soube Régio entregá-lo sempre aos seus leitores, iluminado por uma luz clara que, no entanto, não escondia obscuridades e funduras, que eram também suas. Luz e sombra, que compõem uma das obras mais vitais da nossa literatura — bem superior a tantas que os recursos do *marketing* actual promovem a píncaros virtuais.

¹²² Jacinto do Prado Coelho, recensão crítica de *Biografia* (2.^a ed.), in *Quinzena Literária*, dos estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, n.º 1, Lisboa, 15 de Janeiro de 1940.

¹²³ Carta de Portalegre, de 26 de Fevereiro de 1947, in *Jorge de Sena/José Régio: Correspondência*, Lisboa, 1986, p. 38.

BIBLIOGRAFIA ACTIVA

Poesia: *Poemas de Deus e do Diabo* (1926), 10.^a ed. (1984); *Biografia* (1929), 6.^a ed. (1978); *As Encruzilhadas de Deus* (1936), 7.^a ed. (1981); *Fado* (1941), 5.^a ed. (1984); *Mas Deus É Grande* (1945), 4.^a ed. (1981); *A Chaga do Lado* (1954), 4.^a ed. (1983); *Filho do Homem* (1961), 3.^a ed. (1983); *Cântico Suspenso* (1968), 2.^a ed. (1971); *Música Ligeira* (1970), 2.^a ed. (1985); *Colheita da Tarde* (1971), 2.^a ed. (1984); *16 Poemas dos não Incluídos em «Colheita da Tarde»* (1972); *Primeiros Versos, Primeiras Prosas* (1994); *Antologia Poética* (1994); *Novos Poemas de Deus e do Diabo* (1994). **Romance, conto e novela:** *Jogo da Cabra Cega*, romance (1934), 5.^a ed. (1993); *Davam Grandes Passeios aos Domingos...*, novela (1941), 3.^a ed., inclusão na 3.^a, 4.^a, 5.^a e 6.^a eds. de *Histórias de Mulheres*; *O Príncipe com Orelhas de Burro*, romance (1942), 10.^a ed. (1993); *Histórias de Mulheres*, contos (1946), 7.^a ed. (1993); *A Velha Casa*, romance: *I — Uma Gota de Sangue* (1945), 5.^a ed. (1993); *II — As Raízes do Futuro* (1947), 4.^a ed. (1993); *III — Os Avisos do Destino* (1953-1955), 4.^a ed. (1993); *IV — As Monstruosidades Vulgares* (1966), 4.^a ed. (1994); *V — Vidas São Vidas* (1966), 4.^a ed. (1994); *Há mais Mundos*, contos (1962), 4.^a ed. (1973); *Contos e Novelas* (2000), recolha, além das *Histórias de Mulheres* e *Há mais Mundos*, contos publicados avulso em diversos periódicos. **Teatro:** *Primeiro Volume de Teatro* (1940), «Jacob e o Anjo» e «Três Máscaras», seguidos de um posfácio; *Jacob e o Anjo*, 2.^a ed. (1953), 4.^a ed. (1978); *Benilde ou*

A Virgem-Mãe (1947), 4.^a ed. (1994), incluída no volume *Teatro*, do Círculo de Leitores; *El-Rei Sebastião* (1949), 2.^a ed. (1978); *A Salvação do Mundo* (1954), 4.^a ed. (1984); *Três Peças em Um Acto* (1957), «Três Máximas», «O Meu Caso» e «Mário ou Eu Próprio — O Outro», 3.^a ed. (1980); *Sonho de Uma Véspera de Exame* (1989); *Teatro* (1994), inclui a 4.^a ed. de *Benilde* e as 4.^{as} eds. de «O Meu Caso» e «Mário ou Eu Próprio — O Outro». **Crítica e ensaio:** *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa* (1925); *Críticas e Criticados* (1936), inclusão posterior na 2.^a ed. de *António Botto e o Amor*; *António Botto e o Amor* (1937-1938), 2.^a ed. (1978); *Em Torno da Expressão Artística* (1940), 2.^a ed. (s. d.), passou depois a ser incluído no volume *Três Ensaios sobre Arte* (duas edições) e foi também incluído no volume *Crítica e Ensaio — I*, do Círculo de Leitores (1994); *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa* (1941), reformulação de *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa*, 4.^a ed. (1976). Tem uma 5.^a ed., incluída no vol. *Crítica e Ensaio — I*, do Círculo de Leitores (1994); *Ensaios de Interpretação Crítica* (1964) — Camões, Camilo, Florbela, Sá-Carneiro, 2.^a ed. (1980). Estes ensaios foram posteriormente incluídos no volume *Crítica e Ensaio — 2*, do Círculo de Leitores (1994), constituindo, para todos os efeitos, uma 3.^a ed.; *Três Ensaios sobre Arte* (1967), «Em Torno da Expressão Artística», «A Expressão e o Expresso» e «Vistas sobre o Teatro», 2.^a ed. (1980); *Páginas de Doutrina e Crítica da «Presença»* (1977); *Escritos de Portalegre* (1984); *Crítica e Ensaio — I e 2* (1994). **Páginas íntimas:** *Confissão Dum Homem Religioso* (1971), 3.^a ed. (1994); *Páginas do Diário Íntimo* (1994), 2.^a ed. (2000). **Correspondência:** *Jorge de Sena/José Régio* (1986); *José Régio e Flávio Gonçalves — Os Caminhos de Uma Amizade* (1989); *Correspondência*, para vários destinatários (1994), Círculo de Leitores; *José Régio/António Sérgio* (1994); *Correspondência Familiar (Cartas a Seus Pais)* (1997). **Antologia:** *Líricas Portuguesas*, 1.^a série (1944), selecção, prefácio e notas, 4.^a ed. (1967); *Luís de Camões* (1944), introdução, selecção de textos e notas (o texto da introdução passou a fazer parte dos *Ensaios de Interpretação*

Crítica); *Poesia de Amor* (1945), de colaboração com Alberto de Serpa, 1.^a ed. esgotada; *Poesia de ontem e de hoje para o Nosso Povo Ler* (1956), 3.^a ed. esgotada; *Alma Minha Gentil* (1957), *Antologia da Poesia Portuguesa*, de colaboração com Alberto de Serpa, 1.^a ed. esgotada; *Na Mão de Deus* (1958), *Antologia da Poesia Portuguesa*, de colaboração com Alberto de Serpa, 1.^a ed. esgotada.

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

Nos livros e publicações adiante indicados, encontra-se inventariada uma importante bibliografia dedicada a José Régio: **Eugénio Lisboa**: *José Régio — A Obra e o Homem*, Lisboa, 1976; *O Segundo Modernismo em Portugal*, Lisboa, 1977, 2.^a ed., 1984; *José Régio — Uma Literatura Viva*, Lisboa, 1978, 2.^a ed., 1992; *José Régio ou a Confissão Relutante*, Lisboa, 1988; n.^{os} 1 (Dezembro de 1997), 2 (Junho de 1998), 3 (Dezembro de 1998), e 4 e 5 (Dezembro de 1999) do *Boletim do Centro de Estudos Regianos*, de Vila do Conde.

COLECÇÃO ESSENCIAL

Últimas obras publicadas:

32. *Jaime Cortesão*
por José Manuel Garcia
33. *José Saramago*
por Maria Alzira Seixo
34. *André Falcão de Resende*
por Américo da Costa Ramalho
35. *Drogas e Drogados*
por Aureliano da Fonseca
36. *Portugal e a Origem da Liberdade dos Mares*
por Ana Maria Pereira Ferreira
37. *A Teoria da Relatividade*
por António Brotas
38. *Fernando Lopes-Graça*
por Mário Vieira de Carvalho
39. *Ramalho Ortigão*
por Maria João Lello Ortigão de Oliveira
40. *Fidelino de Figueiredo (O crítico)*
por A. Soares Amora
41. *A História das Matemáticas em Portugal*
por J. Tiago de Oliveira
42. *Camilo*
por João Bigotte Chorão
(2.^a edição)
43. *Jaime Batalha Reis*
por Maria José Marinho
44. *Francisco de Lacerda*
por J. Bettencourt da Câmara
45. *A Imprensa em Portugal*
por João Luís de Moraes Rocha

- 46. *Raúl Brandão*
por António M. B. Machado Pires
- 47. *Teixeira de Pascoaes*
por Maria das Graças Moreira de Sá
- 48. *A Música Portuguesa para Canto e Piano*
por J. Bettencourt da Câmara
- 49. *Santo António de Lisboa*
por Maria de Lourdes Sirgado Ganho
- 50. *Tomaz de Figueiredo*
por João Bigotte Chorão
- 51-52. *Eça de Queirós*
por Carlos Reis
- 53. *Guerra Junqueiro*
por António Cândido Franco
- 54. *José Régio*
por Eugénio Lisboa
- 55. *António Nobre*
por José Carlos Seabra Pereira

- 2. *Antero de Quental*
por Ana Maria Almeida Martins
(3.^a edição, revista e aumentada)
- 9. *Fernando Pessoa*
por Maria José de Lancastre
(reimpressão da edição de 1985)

Esta 2.^a edição
foi composta e impressa
na
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
com uma tiragem de 500 exemplares.
Orientação gráfica do Departamento Editorial da INCM.

Acabou de imprimir-se
em Julho de dois mil e sete.

ED. 1014572
ISBN 978-972-27-1065-7

DEP. LEGAL N.º 261 965/07

ISBN 978-972-27-1065-7

